

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS DE CODÓ
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/ HISTÓRIA
TRABALHO CONCLUSÃO DE CURSO**

LETICIA THALIA SOUSA DE SOUZA

**OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA:
Jornalismo, História e Literatura**

**CODÓ-MA
2022**

LETICIA THALIA SOUSA DE SOUZA

**OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA:
Jornalismo, História e Literatura**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Licenciado (a) em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

**CODÓ-MA
2022**

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Sousa de Souza, Leticia Thalia.

OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA : Jornalismo, História e Literatura / Leticia Thalia Sousa de Souza. - 2022.

58 p.

Orientador(a): Antonio Alexandre Isídio Cardoso.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - História, Universidade Federal do Maranhão, Codó, 2022.

1. Euclides da Cunha. 2. História. 3. Jornalismo. 4. Literatura. 5. Os Sertões. I. Isídio Cardoso, Antonio Alexandre. II. Título.

OS SERTÕES DE EUCLIDES DA CUNHA:

Jornalismo, História e Literatura

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas/História do Centro de Ciências de Codó, como parte integrante dos requisitos para obtenção do título de Licenciado (a) em Ciências Humanas/História.

Orientador: Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso.

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Antonio Alexandre Isidio Cardoso
Universidade Federal do Maranhão-UFMA
Presidente

Prof. Dra. Poliana Santos
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

Prof. Dr. Jonas Rodrigues de Moraes
Universidade Federal do Maranhão – UFMA

AGRADECIMENTOS

Quando ingressei na universidade eu não fazia ideia de quantas pessoas seriam importantes para a minha formação, hoje eu sei, e acredito que de certa forma tenho um pouco de cada uma em mim, a influência que tiveram foi sobre todos os aspectos um divisor de águas na minha vida, a Letícia Thalia que em agosto de 2018 assistia pela primeira vez uma aula na Universidade Federal do Maranhão é diferente desta que hoje escreve estes agradecimentos, sou grata a todos os que participaram dessa longa jornada e fizeram com que os meus dias não fossem tão solitários.

Quero agradecer a Deus por ser meu protetor e pai amado que nunca me desamparou e esteve comigo nos momentos mais importantes da minha vida.

À minha família, especialmente aos meus pais, Maria da Conceição, ou dona Concita para os íntimos, e Francisco Rodrigues, que carinhosamente eu chamo de Chico vaqueiro, eu serei eternamente grata por vocês terem me amado e principalmente me sustentado enquanto eu estudava, talvez vocês não saibam mas o simples fato de confiarem em mim foi a força que me fez ir até o fim do curso.

Agradeço ao professor Dr. Alexandre Cardoso por ser um orientador excepcional que esteve comigo na construção de minha monografia encorajando-me sempre e dando todo suporte que um aluno(a) precisa. Eu lembro de todas as vezes que mostrou o quanto eu poderia ir longe na minha vida acadêmica e junto com o Núcleo de Estudos e Pesquisas em História Social dos Sertões - NEPHSertões tivemos debates enriquecedores.

Também agradeço à professora Dr. Liliane por ter confiado em mim, e ser minha orientadora no PIBIC, foi um ano de muito aprendizado e tardes agradáveis de segunda-feira em reuniões com o Museu Histórico e Cultural do Alimento (MHisCA) onde aprendi muito e levarei comigo por todos os dias da minha vida.

Ao professor Domingos, o meu padrinho. E aos demais professores, pois deixaram ensinamentos valiosíssimos para mim.

Eu escreveria sem parar sobre as pessoas que contribuíram na minha vida, passo então a agradecer os que de perto acompanharam todo o processo: À Isabela, mais que uma amiga, uma irmã para todos os momentos da vida e que demonstrou diversas vezes que eu poderia contar com ela em qualquer situação, parceira insuperável, eu sinto a sua falta todos os dias, mas a vida nos leva a lugares diferentes e hoje já não estudamos mais juntas, Isabela, é um prazer dividir o dia e o ano de meu aniversário com você. À Malena, por ouvir eu falar de cada

documento que eu encontrava e de como me ajudaria na construção da minha escrita, obrigada por ter tornado esse momento menos solitário do que costuma ser. À Thamires, que foi a companheira de idas e vindas da UFMA tarde da noite. Aos amigos Kayque, Carlos, Bruna, Natyla, Raquel, Amanda eu jamais esqueceria de vocês e de todos os bons momentos que passamos juntos. À Letícia, a minha Catarine, pelas conversas há 5 anos quando falávamos sobre o futuro, estão se tornando realidade e outros sonhos também se tornarão. À minha querida Amanda Iris, companheira das mais belas leituras. Ao Natanael, por ser um amigo de ouro, que deve ser levado por toda a vida. Ao Tiago Brito que ao me ver nos corredores conversávamos sobre a monografia e do nosso pequeno grupo “meia página tcc”. Ao David, por sempre rir comigo nas vezes em que eu não conseguia acessar um site, era rir para não chorar. À Ana Célia, minha saudade diária, serei eternamente grata por ter você na minha vida. À Tia Raquel e Fátima, eu amo vocês.

À minha segunda família e vizinhos que sempre estiveram comigo desde a minha infância, Alaíde e José Nagib, que tenho como pais, Jaciara e Tiago, os irmãos que a vida colocou em minha vida. À Vitória Portes, pois mesmo de longe me deixou mensagens encorajadoras sobre a vida e o poder da minha imagem.

Ao Bartolomeu, o meu bartô, e a minha Bela, que sempre me esperavam na porta de casa todos os dias ao chegar da faculdade, sinto muitas saudades de vocês, meus gatinhos, estarão guardados para sempre em minhas memórias da mocidade.

Enfim, a todas as pessoas que direta ou indiretamente contribuíram para que eu chegasse aqui hoje eu expresso a minha eterna gratidão, foi uma longa jornada, meus amigos, difícil, mas a companhia de cada um tornou tudo mais tolerável.

“O correr da vida embrulha tudo, a vida é assim: esquenta e esfria, aperta e daí afrouxa, sossega e depois desinquieta. O que ela quer da gente é coragem.”

Guimarães Rosa

Para Luna, que ao ler um livro meu falou: “titia, como a senhora entende isso?” um dia entenderás, querida, e quando entenderes verás que o conhecimento é a arma mais poderosa que existe.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo estudar a obra *Os Sertões* (1902) de Euclides da Cunha, com foco em suas dimensões históricas, jornalísticas e literárias. A obra do autor, bastante estudada até hoje, encontra-se dividida em três partes, quais sejam, “a terra”, “o homem” e “a luta”, que delineiam cenas do ambiente onde se passou o conflito, dos actantes da narrativa e do desenrolar da guerra de Canudos. A trajetória de Euclides da Cunha também está em destaque no presente estudo, observando sua formação intelectual, seus primeiros escritos e a sua vida adulta, tudo isso com base na apreciação de suas correspondências ativas, cruzadas com reflexões de seus vários biógrafos. *Os Sertões* foi publicado cinco anos após o conflito que incendiou o interior da Bahia e deixou a sociedade brasileira impressionada, atenta à crueza dos eventos narrados. A imprensa deu lugar à críticas e comentários sobre o livro, estampando capas de diversos jornais do Brasil. A obra entrou para o cânone da literatura brasileira rompendo a transitoriedade das matérias publicadas nos periódicos, consagrando-se ao longo do século XX como uma referência clássica sobre os primeiros passos da República no país.

Palavras-chave: Os Sertões. Euclides da Cunha. Jornalismo. Literatura. História

ABSTRACT

This study aims to study the book *Os Sertões* (1902), written by Euclides da Cunha, focusing on its historical, journalistic and literary dimensions. Such work, a master piece widely studied until today, is divided into three parts, namely, the land, the man and the fight, which outline scenes of the environment where the conflict took place, the agents of the narrative and the unfolding of the War of Canudos. Euclides da Cunha's trajectory will be also highlighted in this study, observing his intellectual formation, his early writings, and his adult life, all based on the critical reading of his active correspondences, crossed with the thoughts of his various biographers. *Os Sertões* was published five years after the conflict do Canudos set fire to the interior of Bahia and left Brazilian society impressed, attentive to the rawness of the narrated events. The press gave way to criticism and comments about the book, appearing on the covers of several Brazilian newspapers. The book *Os Sertões* entered the canon of Brazilian literature, breaking the transience of articles published in periodicals, establishing itself throughout the 20th century as a classic reference on the first steps of the Republic in Brazil.

Keywords: Os Sertões. Euclides da Cunha. Journalism. Literature. History

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
1. Euclides Da Cunha: Construindo uma carreira	16
1.1 Um estudante	16
1.2 Euclides da Cunha e a Escola Politécnica de São Paulo	22
1.3 Um engenheiro em Campanha (MG) e a sua saída do exército	24
2. A Guerra de Canudos	27
2.1 Um Arraial no Sertão	27
2.2 Questão de Honra	27
2.3 Um correspondente rumo a Canudos	30
2.4 Um percurso perigoso	35
2.5 A Luta Final	37
3. Jornalismo, História e Literatura	41
3.1 A pena e o escritor	41
3.2 Uma Cabaninha à margem do Rio Pardo e o Livro “Vingador”	42
3.3 A Narrativa de <i>Os Sertões</i>	46
3.4 A imprensa e <i>Os Sertões</i>	49
Considerações finais	52
Referências	56

INTRODUÇÃO

Os Sertões é uma das obras mais importantes da literatura brasileira, um documento de extrema relevância. Mais que um livro famoso, Euclides da Cunha produziu um testemunho seminal para a pesquisa da história de Canudos, cujo nome era Belo Monte, comunidade de camponeses pobres liderada pelo Beato Antônio Conselheiro no interior da Bahia no final do século XIX. O estudo abrangeu três vertentes diferentes, quais sejam, o jornalismo, a história e a literatura, compondo um mosaico complexo dos acontecimentos daquele início do período republicano nos sertões baianos.

Mas, antes de entrar propriamente na estrutura da monografia, gostaria de relatar algumas impressões sobre os caminhos que me levaram a escrever este trabalho. Era o início do ano de 2020, e o Núcleo de Pesquisa e História Social dos Sertões se reunia em um de seus encontros mensais, e ali entre as conversas do nosso recém-criado NEPH-Sertões, houve rodadas de leitura de *Os Sertões*. Li a obra meio devagar, nem um pouco acostumada com a escrita de Euclides da Cunha, mas já familiarizada com os clássicos da literatura brasileira lidos durante a minha vida. *Os Sertões* me cativou, havia algo em sua escrita que fazia com que eu mergulhasse ainda mais no livro, era ainda uma versão digital do livro e não tardou para que eu adquirisse a edição física, mas isso também não bastou, eu precisava conhecer o escritor e entender mais o pensamento dele, foi então que comecei a ler os autores que trabalharam Euclides da Cunha. Mesmo depois da leitura, eu sempre voltava para o livro, principalmente quando o NEPH-Sertões passou a publicar conteúdos na página do *instagram* do grupo, na qual publiquei vídeos falando da obra. Não tardou e eu estava de frente para o tema desta monografia, definido e nunca alterado, fato que possibilitou-me ir a um número valiosíssimo de fontes na ânsia de analisá-las minuciosamente.

Para a construção dessa pesquisa foi feito um levantamento nos jornais da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional, tanto para narrar a mocidade militar de Euclides da Cunha e conhecer o período de sua formação intelectual, quanto para narrar a guerra de Canudos, bastante presente em editoriais de *O Estado de S. Paulo*. Além dos jornais, também foram estudadas cartas do autor. Por meio da correspondência do escritor pôde-se construir uma narrativa de sua trajetória de vida adulta. Contou-se também com uma vasta bibliografia disposta na Biblioteca Nacional, Biblioteca Brasileira, Arquivo Nacional, Academia Brasileira de Letras, Museu Nacional, Biblioteca do Senado, além de obras físicas que abordam a vida de Euclides da Cunha, entre história, literatura e jornalismo.

Considero todos os materiais desta pesquisa importantes, cada um trouxe sua contribuição de uma maneira inestimável, todavia, houve um que se destaca no meu ponto de vista como obra fundamental para estudar Euclides da Cunha, é a *Correspondência de Euclides da Cunha* (1997), organizada por Walnice Nogueira Galvão e Oswaldo Galotti. Foi um trabalho pensado por Walnice Nogueira Galvão, que depois de anos estudando Euclides da Cunha cogitou organizar a correspondência do escritor, para isto recorreu a Oswaldo Galotti, considerado por ela um dos maiores especialistas no que se refere a Euclides da Cunha e criador da Semana Euclidiana de São José do Rio Pardo (Galvão, 2009).

As cartas foram publicadas inicialmente na *Revista Grêmio Euclides da Cunha* e na Academia Brasileira de Letras. O Grêmio Euclides da Cunha foi fundado por seus amigos após a morte do escritor a fim de conservarem a memória do mesmo, dessa forma, publicava anualmente a revista citada acima, nela havia artigos de Euclides publicados nos periódicos, homenagens e cartas do escritor a seus amigos, a revista convidava então aqueles que detinham posse de cartas de Euclides da Cunha para que doassem e estas fossem anexadas no acervo euclidiano (Galvão; Galotti, 1997). A primeira edição da *Revista Grêmio Euclides da Cunha* a qual temos acesso é de 15 de agosto de 1915, data de aniversário de morte do escritor. Suas primeiras páginas contam com um artigo de Euclides da Cunha sobre a última visita de Machado de Assis antes de seu falecimento, ilustrado através de artigo publicado originalmente em 30 de setembro em *O Jornal do Commercio*¹. As edições da revista tiveram publicações anuais até o ano de 1939, sempre na mesma data, 15 de agosto, com o intuito de manter viva a memória do escritor.

Do mesmo modo, um acervo foi sendo constituído pela Academia Brasileira de Letras, que entre os anos de 1930 a 1931 publicou as cartas na *Revista da Academia Brasileira de Letras*. Daí nasceu o primeiro livro com as cartas do escritor sob o título *Cartas de Machado de Assis e Euclides da Cunha* (1931), organizado por Renato Travassos. Amigos passaram a organizar as cartas do escritor, Francisco Venâncio Filho construiu assim uma reunião da correspondência com o título *Euclides da Cunha a seus Amigos*. A *Gazeta do Rio Pardo* e *O Estado de S. Paulo* também se dedicaram a publicar cartas do autor. Dessa forma, a busca incessante pelas cartas de Euclides da Cunha já dava um compilado que, somado a outros escritos do autor, merecia ser publicado. Então, em 1966 houve a publicação da *Obra Completa*, e assim ano após ano mais cartas inéditas do escritor foram sendo publicadas e por vezes

¹ Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional- HDBN. *Revista do Grêmio Euclides da Cunha*. 15 de agosto de 1915, p. 02.

organizadas de acordo com o destinatário (Galvão; Galotti, 1997). Foi nesse clima de coleta e análise de cartas que Walnice Nogueira Galvão juntamente com Oswaldo Galotti publicaram pela Editora da Universidade de São Paulo (EDUSP) a *Correspondência de Euclides da Cunha* (1997). A partir da correspondência do escritor pode-se divisar alguns dos passos mais decisivos da vida adulta de Euclides da Cunha, sem perder de vista também sua mocidade, na condição de ex-aluno da Escola Militar da Praia Vermelha - RJ. Pouco escreveu a respeito da Guerra de Canudos em sua correspondência, mas o que afirmou já nos deixou impressões vívidas sobre guerra e o arraial de Canudos, que chamou de “arraial maldito” certa vez em carta a Porchart², seu amigo de longas datas.

A maior parte de tudo que circulava sobre Canudos vinha dos jornais. O tom pejorativo com o qual a imprensa narrou a guerra de canudos foi nuançado no desenrolar do conflito. Canudos, até então, era um ambiente desconhecido por muitos brasileiros, que passaram a ser informados pelos periódicos sobre os embates entre o arraial e as forças militares. Euclides da Cunha estava posicionado na arena da imprensa como correspondente do jornal *O Estado de São Paulo*, responsável por documentar o evento que estava sacudindo o debate político nacional à época. O autor viajou até a Bahia em 1897 junto com a quarta expedição militar oficial, esta já antecedida por três comitivas derrotadas. Seguiu na condição de jornalista, cobrindo o evento para o periódico paulistano, seus testemunhos resultaram na produção de um documento fundamental para o entendimento da Guerra de Canudos. Procuramos responder nos três capítulos que constituem essa pesquisa as seguintes hipóteses: Como Euclides da Cunha ingressou no universo jornalístico? Euclides da Cunha era republicano? O exército lutava contra monarquistas? Quais são os sujeitos de sua obra? A República estava em perigo? Por que a obra Euclides da Cunha é híbrida? Como o autor narrou a guerra? De que forma construiu seu livro? E como o livro alcançou tanto reconhecimento, tornando-se um clássico da literatura brasileira?

O primeiro capítulo tratará de biografar a vida de Euclides da Cunha, discorrendo sobre a sua trajetória com foco em sua formação intelectual, os anos na Praia Vermelha, sua parceria com *O Estado de S. Paulo*, ainda quando este era *A Província de São Paulo*, suas falhas tentativas de entrar para o quadro de professores da Politécnica de São Paulo, e por fim o Euclides da Cunha engenheiro, exercendo a sua profissão, considerada por ele em diversas

² GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat. 20 de agosto de 1897 (Bahia) p. 108.

vezes como uma carreira fatigante e assim apreciando então a trajetória do escritor ao abordarmos *Os Sertões*.

O segundo capítulo irá analisar a Guerra de Canudos e situar o leitor ante o ambiente onde se passou o conflito, e sobre como aquela fatídica guerra se iniciou. O capítulo trará o percurso de Euclides da Cunha desde quando escreveu seus primeiros textos acerca dos sertões baianos, até os últimos momentos da guerra, e assim nesse meio dar-se-á atenção aos seus agentes históricos presentes no desenrolar do embate.

E por fim, o terceiro, que centrará mais especificamente na obra, atentando à ótica do jornalismo, da literatura e da história. O capítulo abordará sobre como os escritores ingressaram no universo jornalístico e o papel do jornal para com a literatura no Brasil, sendo ele porta de entrada para vários escritores iniciarem suas carreiras. Nesse meio, Euclides da Cunha estava inserido e na condição de jornalista partiu para Canudos em 1897 a fim de cobrir a guerra, da viagem escreveu vários artigos que foram publicados em *O Estado de S. Paulo*, lançando cinco anos depois *Os Sertões*, visto como obra literária, narrativa de guerra, crônica jornalística e testemunho quente de um evento histórico que abalou o país, tornando-se assim um livro híbrido.

Os debates sobre *Os Sertões* continuam francamente até hoje. Mais de um século após a publicação, a obra ainda é alvo de estudos nas mais diversas ramificações. *Os Sertões*, deixou a transitoriedade da imprensa, mas imortalizou-se na literatura. As abordagens sobre *Os Sertões* ganharam um novo meio de se propagar nos últimos anos, um dos instrumentos utilizados para debater sobre o livro são *podcasts* que vem ganhando notoriedade a cada dia, dentre os tais temos o “Papo de Pinguim”³ que abordou a obra em um de seus episódios em 2019 juntamente com a historiadora Lilia Schwarcz, e recentemente abordado também no *Podcast* “Atualizando”⁴ em comemoração aos 120 anos do livro.

Ao longo da monografia, observaremos a relevância de *Os Sertões*, aqui analisado como uma das mais impactantes “notícias” sobre os sertões do Brasil, um documento histórico fundamental para entender o conflito em si e também aspectos decisivos para o entendimento da República brasileira em seus primeiros passos. A obra de Cunha pode ser observada, portanto, como resultante de seus esforços de jornalista, mas que ganhou notoriedade como crônica, aclamada entre literatos, transformando-se também em rica fonte para a história da Primeira República nos sertões do Brasil.

³https://open.spotify.com/episode/0l8rEsUBDvO8kX6vzNw5J5?si=mCZToTh2TV6tMFL033HTMg&utm_

⁴https://open.spotify.com/episode/0l8rEsUBDvO8kX6vzNw5J5?si=t89CVz7SS0CpFLm7x7cRTA&utm_

CAPÍTULO 1

EUCLIDES DA CUNHA construindo uma carreira

1.1 Um estudante

Euclides Rodrigues Pimenta da Cunha, nasceu no dia 20 de janeiro de 1866 na Fazenda da Saudade, em Santa Rita do Rio Negro, município de Cantagalo, no Rio de Janeiro, filho de Manoel Rodrigues Pimenta da Cunha e Eudóxia Moreira da Cunha. Ficou órfão de mãe aos três anos de idade e passou a viver de fazenda em fazenda com as tias, era uma instável, marcada por viagens no território fluminense, onde a paisagem de montanhas e florestas deixou nele grandes marcas que podem ser vistas futuramente em seus escritos. Sua condição de saúde ao longo da vida encontrou muitos desafios, enfrentando problemas decorrentes da tuberculose, assim como a mãe. O jovem cresceu e mudou-se para o Rio de Janeiro em 1877, com o objetivo de estudar em algum colégio na Corte, entretanto teve que ir para a Bahia morar com sua avó, dois anos depois voltou ao Rio de Janeiro onde passou por várias instituições de ensino (Andrade, 1960).

Em 1883, Euclides da Cunha entrou para o Colégio Aquino, cujo fundador foi João Pedro de Aquino, professor da Escola Naval, era uma instituição que preparava os alunos para a entrada na escola politécnica e militar⁵. Jovem dedicado aos estudos começou a escrever ainda cedo, com 17 anos escreveu suas primeiras poesias em um caderno que deu por título “Ondas”, datado de 1883, onde reúne 84 poesias escritas no dia a dia do estudante “por onde é possível acompanhar as imagens sucessivas dos seus sentimentos” (FILHO, 1940. p. 12). A poesia fazia parte da vida dos estudantes que para evitar a fadiga do dia-a-dia colocavam em papel o que sentiam e treinavam, sobretudo, para serem os futuros escritores que se eternizaram por meio da literatura como foi o caso de Euclides da Cunha.

Leitor voraz e escritor iniciante, em 04 de abril de 1884 publicou um artigo pela primeira vez em um jornal bimestral da escola, *O Democrata*, intitulado “Em Viagem”, artigo que já marcava a admiração do jovem estudante pela natureza, com uma linguagem sempre bem trabalhada e expressiva, eram “versos desajeitados, tão reveladores de seu amor pela

⁵HDBN. “Euclides estudante”. *Revista da Semana*, 23 de agosto de 1930. p. 20

natureza” (ANDRADE, 1960, p. 25). O futuro autor de *Os Sertões* traçava desse modo seu caminho no ambiente jornalístico

É majestoso o que nos rodeia — no seio dos espaços palpita coruscante o grande motor da vida; envolta na clâmide cintilante do dia, a natureza ergue-se brilhante e sonora numa expansão sublime de canções, auroras e perfumes... A primavera cinge, no seio azul da mata, um colar de flores e o sol oblíquo, cálido, num beijo ígneo, acende na fronte granítica das cordilheiras uma auréola de lampejos... por toda a parte a vida...; contudo uma ideia triste nubla-me este quadro grandioso — lançando para a frente o olhar, avisto ali, curva sinistra, entre o claro azul da floresta, a linha da locomotiva, como uma ruga fatal na fronte da natureza...⁶

Naquelas linhas, Euclides da Cunha revela seu desprezo pela degradação da natureza, o menino que cresceu nas serras fluminenses jamais se conformaria com a visão à sua frente, a linha do trem, que manchava a vista. Entre idas e vindas das casas de parentes, Euclides da Cunha contemplaria grandes paisagens que inevitavelmente interferiram nos seus modos de escrever. As lembranças dos anos da juventude de uma região rica e agitada percorriam a mente do escritor, fazendo com que ele as colocassem em papel para publicá-las depois, como fez em *Contrastes e Confrontos* em 1907. Eram memórias que lhe acompanhavam a todo lugar que ia, quando os amigos lhe escreviam de alguma cidade onde o mesmo morou nos tempos de juventude, Euclides da Cunha se deleitava com uma série de emoções dos anos remotos que lhe preenchiam a mente no momento da leitura das cartas. Certa vez em 1904 recebeu de Machado de Assis uma carta que o fez viajar para o passado, Machado de Assis estava na cidade em que Euclides da Cunha nasceu

Calcule, portanto, quantas emoções me despertou a sua carta! Recebi-a em plena faina do meu triste ofício, e para logo olvidando não sei quantos requerimentos e reclamações, andei a vadiar galhardamente no passado. E foi uma consolação: vi-me por algum tempo fora desta agitação dispersiva em que ando metido.⁷

⁶CUNHA, Euclides da. Em viagem (Folhetim). In: EUCLIDES SITE. Obras de Euclides da Cunha. Crônicas. São Paulo, 2021. Disponível em: <https://euclidesite.com.br/obras-de-euclides/cronicas/em-viagem/>. Acesso em: 17 de Janeiro de 2022. Publicado originalmente em O Democrata, Rio de Janeiro, 4 abr. 1884. Transcrito de: CUNHA, Euclides da. Obra completa. Fragmentos e relíquias. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2009. v. 1. p. 804.

⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Machado de Assis, Santos, 15 de fevereiro de 1904. p. 196.

E, eram esses momentos de recordações que o faziam se sentir melhor entre os trabalhos de engenharia. Em Teresópolis (RJ), afirmou a Lúcio Mendonça, seu amigo, que aquele era o cenário encantador das suas recordações e saudades (Filho, 1940).

Depois de estudar no Colégio Aquino, Euclides da Cunha ingressa na Escola Politécnica em 1885, e um ano depois matricula-se na Escola Militar da Praia Vermelha (RJ). Ingressar na escola era o único modo de estudantes de baixa renda ter estabilidade no futuro (Ventura, 2019), esse era o intuito de Euclides da Cunha, e apesar de deixar claro que odiava a vida militar, ele tinha que suportá-la principalmente pela sua família, a fim de garantir uma vida digna para eles.

Walnice Nogueira Galvão afirma que o objetivo da Escola Militar era “formar oficiais e engenheiros para os serviços públicos e civis como construção de estradas, portos e pontes” (GALVÃO, 2010, p. 11). José Murilo de Carvalho (2010) pontua que aos alunos que completavam o curso, cuja duração era de cinco anos, era concedido o diploma de bacharel em Matemática e Ciências Físicas e Naturais.

Na Escola Militar da Praia Vermelha (RJ), o autor tornou-se colaborador junto ao time da *Revista da Família Acadêmica*, uma atividade de caráter extracurricular, na qual os alunos combinariam os seus estudos técnicos e científicos com a literatura e a filosofia (Galvão, 2009). Isto de certa forma dava aos alunos possibilidades de entrar em novos universos do saber, despertando talentos que a imprensa brasileira teria no futuro. Em *A Literatura no Brasil volume III* (1997) o autor pontua que o jornalismo acadêmico no Brasil Império foi caracterizado por uma “menor responsabilidade e maior ousadia” (COUTINHO, 1997, p. 92), isto por parte dos estudantes que por meio do jornalismo expressavam suas ideias partidárias e opiniões “descaradamente”, inflamando a arena dos impressos.

O futuro ocupante da cadeira de número sete da Academia Brasileira de Letras não suportava a vida militar e sonhava com o momento em que abandonaria o exército, mas antes que Euclides da Cunha o deixasse, uma série de eventos marcaria a sua vida, sua paixão pelas ideias republicanas poderia custar a sua carreira, mas nem mesmo isso foi capaz de abalar sua convicção de que esse novo sistema de governo era o melhor para o país.

Nos dias de cadete da Escola Militar da Praia Vermelha, um incidente envolvendo o jovem com o ministro da guerra Tomás Coelho estampou a capa dos jornais da época, e o motivo foi uma atitude de Euclides da Cunha ao lançar sobre “os pés do ministro” o sabre e o seu cinturão, de acordo com Francisco Venâncio Filho em *A Glória de Euclides da Cunha* (1940) o desenrolar dessa confusão deu-se pelo fato de que foi negado o comparecimento dos jovens militares em um protesto em que tanto queriam estar presentes.

Lopes Trovão, o famoso tribuno republicano, regressava da Europa recebido festivamente nos portos por que passara. A Corte preparava-se para a recepção, com a qual se solidarizava a mocidade militar. A chegada do “Ville de Santos”, em que viajava o propagandista, seria a 4 de novembro, domingo, dia de folga. A visita do Ministro da Guerra, marcada para 3 foi adiada à última hora para o dia seguinte no intuito visível de evitar o comparecimento dos alunos à manifestação projetada, pois o impedimento se estendia até 6 horas da tarde. O descontentamento produzido pela notícia, foi evidente, manifestado na violência com que foi cumprida a ordem de descansar armas (FILHO, 1940, p 16)

Por “Trovoada... Militar”⁸ *A Província de S. Paulo* expôs o acontecimento, afirmando que por castigo referente a simpatia da mocidade militar pelo republicano foram impedidos de saírem da Praia Vermelha. “Indisciplina”, foi assim que a *Gazeta de Notícias* intitulou a informação no jornal e ainda noticiou que o cadete responsável pela quebra do sabre proferiu suas convicções republicanas⁹. No dia seguinte o jornal retratou-se em primeira página desmentindo a matéria, era certo que o aluno havia tentado quebrar a arma e atirou-a “aos pés do ministro” da guerra, mas fazia isso em protesto por seus direitos¹⁰, queriam subir de nível como assim foi prometido aos alunos que se destacassem nos estudos¹¹. Diante do ocorrido, *O Diário de Notícias* publicou as seguintes questões:

Quem falou verdade nessa questão da Escola Militar? A Gazeta de Notícias? O governo? O sr. Silveira Martins? O sr. Joaquim Nabuco? De que lado está a deusa nua com um espelhinho na mão? O aluno Euclides da Cunha quebrou a baioneta, ou amolgou o sabre? Arremessou a arma aos pés do sr. ministro da Guerra?¹²

Tais dúvidas só foram respondidas anos mais tarde quando em conversa com Gastão Vieira, político e diplomata, o ex-cadete afirmou que seu protesto fazia parte de “um plano de rebelião para proclamar a República, mas que acabou sendo traído pelos seus colegas” (VENTURA, 2019, p. 82). O incidente fez com que o cadete ficasse um mês no Hospital Militar, queriam que Euclides da Cunha passasse por exames que avaliassem suas faculdades mentais, mas com tal pedido negado, a única alternativa foi desligá-lo da escola alegando incapacidade física para que assim evitasse o seu enforcamento (Ventura, 1996). Ao lermos as notícias que

⁸HDBN. “Trovoada Militar”. *A Província de São Paulo* (São Paulo). 06 de nov. de 1888. n. 4079. p. 01

⁹HDBN. “Indisciplina”. *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro). 05 de nov. 1888. n. 00309, p. 02.

¹⁰HDBN. “O caso da Escola Militar”. *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), 06 de nov. 1888. n. 00310, p. 01.

¹¹HDBN. “Alferes alunos”. *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro), 14 de jul. 1888. n. 00195, p. 01.

¹²HDBN. “De Palanque”. *Diário de Notícias* (Rio de Janeiro), 07 de nov. 1888. n. 01243, p. 01.

saíram nos jornais e até mesmo a fala de Tomás Coelho sobre o ocorrido, nota-se uma tentativa de abafar o ocorrido, quando afirmou que o incidente não passou de um momento de descontrole por parte do cadete. Em 2002 no centenário de *Os Sertões*, Francisco de Assis Barbosa afirmou que aquele gesto de rebeldia conferiu à Euclides da Cunha uma imagem “incômoda e distorcida de um adolescente neurótico” (BARBOSA, 2002, p. 40).

Expulso do exército após o incidente daquele ano, 1888, Euclides da Cunha entrou para o time de escritores do jornal *O Estado de S. Paulo*, chamado na época de *A Província de São Paulo*, tendo como seu redator Júlio Mesquita, considerado por Euclides da Cunha mais que um amigo, um irmão mais velho¹³, escreveu um artigo que teve por título *A Pátria e a Dinastia*¹⁴ publicado na primeira página do jornal, no qual criticava a transferência de tropas para o Mato Grosso, que seguiam o Marechal Deodoro da Fonseca, juntamente com a comissão de engenheiros e o corpo de saúde. Segundo Euclides da Cunha, o governo quis dispersar o exército com o objetivo de enfraquecê-lo, mas era tolice, pois, segundo o autor, a lei da evolução seguiria seu curso, a república viria, era questão de dias. O escritor não assinou o artigo com o seu nome, pôs suas iniciais E.C e os que vieram depois assinou com um pseudônimo Proudhon, o nome fazia alusão a um escritor francês, bastante admirado por Euclides da Cunha, com isso, o ex-cadete dava largada aos seus textos com opiniões políticas descaradamente (Andrade, 1960). Roberto Ventura supõe que “recorreu ao pseudônimo por temer encontrar dificuldades de ingressar na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, onde pretendia continuar seus estudos de engenharia” (VENTURA, p.87, 2019).

Quando o ano de 1889 chegou, Euclides da Cunha escreveu um artigo cujo título foi 89¹⁵, escrevia sobre a revolução francesa, episódio que o escritor tanto admirava, aquele ano era o seu centenário. Em 10 de janeiro, o escritor deu início a uma série de artigos intitulados *Atos e Palavras*¹⁶, que encerraram-se no dia 24 do mesmo mês, e no dia 27, o jornal agradeceu pela sua colaboração e informou que Euclides da Cunha, o “Proudhon”, iria seguir seus estudos

¹³GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat. 02 de dezembro de 1900 (São José do Rio Pardo). p. 121.

¹⁴Acervo Digital de O Estadão. “A pátria e a dinastia”. *A Província de São Paulo* (São Paulo), 22 de dez. 1888. n. 04119, p. 01.

¹⁵Acervo Digital de O Estadão. “89”. *A Província de São Paulo* (São Paulo), 01 de janeiro de 1889. n. 04125, p. 01.

¹⁶Acervo Digital de O Estadão. “Atos e Palavras”. *A Província de São Paulo* (São Paulo), 10 de jan. de 1889. n. 04133. p. 01.

na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, mas que seguiria enviando correspondências políticas para o jornal¹⁷.

Quando já estava na Escola Politécnica do Rio de Janeiro, Euclides da Cunha assinou um artigo com o seu nome ao invés do pseudônimo, o de 17 de maio de 1889 intitulado *Da corte*¹⁸, o autor tinha um tom republicano em seus trabalhos e uma crença de que a monarquia seria derrubada e um novo sistema de governo se instalaria. O acontecimento não tardou, em 15 de novembro do mesmo ano era proclamada a república, no dia seguinte *O Estado de S. Paulo* dedicava a primeira página inteira para o *Viva à República*¹⁹, considerada uma capa histórica pelo jornal. Mesma tônica da *Gazeta da Tarde*, que informava que estava definitivamente proclamada a república, como um dia de “glória” para a população brasileira²⁰.

No 16 de novembro, Euclides da Cunha esteve com Deodoro da Fonseca, líder do governo provisório²¹, este queria o ex-cadete de volta ao exército, uma maneira de reparar os acontecimentos do passado. Ao cair da noite Euclides da Cunha esteve em uma reunião na casa do major Sólton Ribeiro, um dos militares que esteve nas reuniões em que articulavam a proclamação, lá o jovem conheceu Ana, filha do major e sua futura esposa (Castro, 1995). O pedido de reintegração foi encaminhado para Benjamin Constant, o então ministro da guerra²², reintegrando-o ao exército e promovendo-o a alferes-aluno. Euclides da Cunha concluiu seu curso, matriculando-se em seguida na Escola Superior da Guerra (Galvão, 2010) e meses mais tarde casou-se com Ana, filha de Solon Ribeiro (Ventura, 2019).

O escritor já era reconhecido por seu talento, estudo e civismo²³, mas Euclides da Cunha já atacava alguns pontos que considerava “erros” do governo no jornal *Democracia*, e ressaltava que a luta pela república começara a perder “a sua feição entusiástica e a inocular-nos o travor das primeiras desilusões”²⁴, assinava o artigo como alferes-aluno Euclides da Cunha, título que os jovens cadetes de 1888 tanto lutaram para conseguir. Todavia, a conselho de seu sogro, o

¹⁷Acervo Digital de O Estadão. “Euclides da Cunha”. *A Província de São Paulo* (São Paulo), 27 de jan. de 1889. n. 04147, p. 01.

¹⁸Acervo Digital de O Estadão. “Da corte”. *A Província de São Paulo*. (São Paulo), 17 de maio de maio.1889. n. 4235, p. 01

¹⁹Acervo Digital de O Estadão. “Viva a República”. *A Província de São Paulo*. (São Paulo), 16 de nov. 1889. n. 4373, p. 01

²⁰HDBN. “Governo provisório”. *Gazeta da Tarde*. (Rio de Janeiro), 16 de nov. 1889. n. 00311, p. 01.

²¹*idem*

²²HDBN “Ministérios do governo provisório”. *Gazeta de Notícias*. (Rio de Janeiro), 16 de nov. de 1889. n. 00320, p. 01.

²³HDBN. “Aos sábados”. *Democracia: Órgão de Orientação Republicana* (RJ) Rio de Janeiro, 31 de Março de 1890. n. 00025, p. 02.

²⁴HDBN. “Sejamos francos”. *Democracia: Órgão de Orientação Republicana* (Rio de Janeiro), 18 de março de 1890. n. 00014, p. 02.

jovem escritor parou de escrever para o jornal, cortando comentários políticos e passando a focar mais na conclusão de seus estudos²⁵.

Ao concluir seus estudos em 1892 e já casado com Ana Emília Ribeiro da Cunha, o Marechal Floriano Peixoto, então comandante do país, deu ordens a Pinto Peixoto para chamar Euclides da Cunha para uma conversa. Meio constrangido em sua farda de segundo tenente e atrapalhado com a espada, segundo consta em carta do escritor a Lúcio de Mendonça em 1904, foi bem recebido pelo Marechal, que elogiando-o deu-lhe o poder de escolher a posição que desejasse, entretanto, o segundo tenente declarou que desejava apenas “o que previa a lei para os engenheiros recém-formados: um ano de prática na Estrada de Ferro Central do Brasil” e ao despedir-se desceu as escadas do Itamaraty com uma inexplicável satisfação, atravessando alegremente o saguão e saindo agitando sonhos para um futuro que segundo ele, tinha drasticamente destruído, o Marechal Floriano, no entanto, o olhava com uma expressão de “nada vales”, afirmou Euclides da Cunha ao amigo²⁶.

Enquanto trabalhava na ferrovia, o autor regressou ao jornal *O Estado de S. Paulo*, escrevendo outra vez, nos primeiros artigos, sob o pseudônimo *José Dávila*, elogiando o governo e criticando os opositores²⁷. Nos artigos seguintes passou a assinar com suas iniciais E.C., escrevia sempre em primeira página a coluna “dia a dia”, em 6 de Abril de 1892, Euclides da Cunha redigiu um artigo no qual afirmava que a república brasileira também tinha a sua *vendeia perigosa*²⁸, isso porque na época estava tendo manifesto em prol de eleições presidenciais, o autor então fez uma analogia com a Revolução Francesa (1789), o termo foi utilizado por Euclides da Cunha em referência à *vendeia* que se levantou contra a revolução francesa. Eram um grupo de camponeses que se levantaram a fim de restaurar o antigo regime na França. O autor fazia um paralelo entre a república brasileira e a *vendeia* da Revolução Francesa levantada a fim de derrubá-la.

1.2 Euclides da Cunha e a Escola Politécnica de São Paulo

²⁵GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao pai, Rio de Janeiro, 14 de junho de 1890. p. 29.

²⁶GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Lúcio Mendonça, ?,?,? 1904 (?). p. 193.

²⁷Acervo Digital de O Estadão. “Da penumbra”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 15 de Março de 1892, n. 5105, p. 01; 17 de Março de 1892, n. 5106, p. 01; 19 de Março de 1892. n. 5108, p. 01..

²⁸Euclides da Cunha comparou também em 1897 a Guerra de Canudos à rebelião camponesa, pois assim como a Revolução Francesa tinha sido ameaçada pela *vendeia*, a recém proclamada República estaria correndo perigo com os canudenses. Lembremo-nos também que a revolução da *vendeia* era camponesa, católica e monarquista, fato que colaborou ainda mais para a comparação com Canudos, um grupo de camponeses religiosos considerados por muitos como monarquistas em busca da restauração da monarquia.

Naquele ano, 1892, foi apresentado pelo deputado estadual Antonio Francisco de Paula Souza, um projeto que visava a criação de uma escola técnica, porém o seu modelo seria diferente da Escola Politécnica do Rio de Janeiro, escola que Euclides da Cunha havia estudado em 1889. Um dos objetivos do escritor era fazer parte do quadro de professores da nova escola. Euclides da Cunha, como já foi mencionado anteriormente, odiava a vida militar, ingressar na politécnica seria uma maneira de livrar-se para sempre do exército (Ventura, 2019). Optando por seguir na área da engenharia, a formação adquirida na sua jornada pela Escola Militar, achava a carreira fatigante, e o mesmo afirmou em nota preliminar à *Os Sertões*, a engenharia era um trabalho “que o levaria a peregrinar pelo interior de São Paulo. Era da engenharia que Euclides da Cunha tirava o sustento de sua família, o que durante toda a sua vida foi motivo de preocupações” (SANTANA, 1996, p. 313). José Carlos Barreto de Santana afirma que Euclides da Cunha estava em “busca de uma atividade fixa, que pudesse assegurar uma razoável estabilidade econômica e tranquilidade para o desenvolvimento de suas inquietações intelectuais” (*Idem* p. 311).

Escrevendo uma carta a Reinaldo Porchat, seu amigo e que estava na organização da politécnica de São Paulo, em 07 de junho de 1892, Euclides da Cunha expressa seu desejo de fazer parte da escola que, segundo ele, seria um caminho para abandonar a farda que considerava pesada para seus ombros e que almejava passar a vida em uma ocupação mais tranquila. Seu amigo e redator de *O Estado de S. Paulo*, Júlio Mesquita, e Álvaro de Carvalho concordaram que Euclides da Cunha deveria seguir uma carreira que fosse compatível com o seu gênio e a militar estava fora de questão²⁹. Entretanto, as tentativas de ingresso de Euclides da Cunha foram frustradas, isso porque em 24 de maio de 1º de junho daquele ano, por meio do jornal *O Estado de S. Paulo*, o escritor havia criticado o projeto de Antonio Francisco de Paula Souza, afirmando que o quadro de disciplina era “vazio de orientação, incorretíssimo na forma e filosoficamente deficiente”³⁰, talvez o erro do autor foi assinar o artigo como Euclides da Cunha, ao invés de usar um pseudônimo. Dias depois da primeira publicação criticando o projeto da politécnica de São Paulo, Euclides da Cunha reafirmou a deficiência do projeto³¹.

Era 4 de julho de 1892, e o 2º tenente Euclides da Cunha foi nomeado a auxiliar de ensino teórico da Escola Militar, e em 04 de agosto começou a lecionar na Escola, ministrando

²⁹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Reinaldo Porchat. 07 de junho de 1892 (Rio de Janeiro). p. 31.

³⁰Acervo Digital de O Estadão. “Instituto Politécnico”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 24 de maio de 1892. n. 5157, p. 01.

³¹Acervo Digital de O Estadão. “Dia a dia”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 01 de jun. de 1892. n. 5163, p. 01.

aulas de física, química e astronomia (Ventura, 2019). Diante da vida de professor, Euclides da Cunha escreveu a Porchat afirmando que não tinha ânimo de vida³², faltava-lhe algo e os momentos de felicidades em sua vida se resumiam enquanto correspondia-se com o amigo. Levava uma vida monótona, marcada pelo ponteiro do relógio, era da escola para a casa e vice-versa, era acima de tudo uma vida que não desejava, queria estar nos “sertões desertos e vastos” do Brasil e viajar rumo à Europa.³³ E continuava a querer fazer parte da Escola Politécnica de São Paulo em carta a Porchat em 23 de maio de 1893, Euclides da Cunha afirma “continuo seguindo as asperezas de um estudo ingrato, tendendo para um concurso sem esperanças”³⁴.

A Lei nº 191 de 24 de agosto de 1893 aprovou o Regulamento que organizava a Escola Politécnica, o regulamento foi publicado no Diário Oficial de São Paulo³⁵, onde contava com o quadro aprovado de disciplinas. Para Santana (1996, p. 324) o escritor, que em 1893 nutriu em si expectativas e esperanças de integrar o quadro de professores da Escola Politécnica “era um jovem engenheiro que expressava destemida e desabridamente as suas ideias sobre política e ciências por meio de artigos publicados em jornais”. O autor ressalta que Euclides da Cunha buscava, como já foi afirmado anteriormente, uma ocupação que fosse estável para a sua vida. Foi uma grande decepção para o escritor ao saber que o cargo que ele pretendia ocupar na Escola Politécnica de São Paulo havia sido ocupado por outra pessoa, mesmo sendo apoiado por amigos influentes como Reinaldo Porchat e Júlio Mesquita, mas ainda assim cria que entraria na Politécnica e seria sem ajuda de terceiros e ocuparia uma cadeira³⁶.

1.3 Um engenheiro em Campanha (MG) e a sua saída do exército

Corria o mês de março do ano de 1894 quando “o exército transfere Euclides para a cidade de Campanha (MG) para trabalhar na transformação de um prédio em quartel de cavalaria” (MUSEU DA REPÚBLICA, 2017, p. 11). Olhando de um ângulo diferente e com base na correspondência do escritor, aquilo não era apenas mais um trabalho do engenheiro,

³² GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Reinaldo Porchat. 20 de agosto de 1892 (Rio de Janeiro). p. 35.

³³ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Reinaldo Porchat. 26 de agosto de 1892 (Rio de Janeiro). p. 37.

³⁴ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Reinaldo Porchat. 23 de maio de 1893 (Rio de Janeiro). p. 49.

³⁵ Acervo Digital do Diário Oficial de São Paulo. “Actos do poder legislativo”. *Diário Oficial* (São Paulo), 07 de set. de 1893, p. 01.

³⁶ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Reinaldo Porchat. 22 de novembro de 1893 (Capital Federal). p. 50.

tratava-se de uma punição pelas cartas que escreveu à *Gazeta de Notícias*, uma atacando o sr. João Carneiro e a outra protestando contra a execução de prisioneiros políticos: “não é invadindo prisões que se castigam criminosos”³⁷ escrevia. Diante da repercussão do caso pelos jornais, como escreve Olímpio de Sousa Andrade, o governo brasileiro “resolveu intervir, punindo a parte mais fraca, diretamente sujeita à sua autoridade” (ANDRADE, 1960, p. 71). Campanha foi uma cidade onde Euclides da Cunha foi “parar bruscamente, deixando o seio impuro de uma velha capital em desordem pela sociedade mais nobre do sertão”, nessa época o engenheiro sentiu-se exilado dentro de sua própria terra³⁸. Naquele exílio disfarçado e mais próximo da natureza que tanto fizera parte de sua infância é provável que o escritor tenha se sentido em paz consigo mesmo, ali vida era calma, lia “*geologie, flore, faune et climats du Brésil* de E. Lias” (ANDRADE, 1960, p. 72), livro que foi emprestado por Júlio Bueno, seu amigo, e citado em *Os Sertões*.

Depois de alguns meses, já em 1895, deixou Campanha (MG), e querendo ficar longe das atividades militares deu-se por doente considerando-se “incapaz para a vida militar, incapaz fisicamente porque moralmente creio-me incompatível a muito tempo”. Queria uma licença médica para deixar a vida militar³⁹, partiu dias depois para a fazenda do pai em Belém do Descalvado (SP), mas não se adaptou a vida de roceiro⁴⁰, sentia saudades de Campanha e dos amigos que lá constituiu, decorridos alguns meses passou a trabalhar como engenheiro ajudante nas Obras Públicas de São Paulo⁴¹. Euclides da Cunha consolidou a sua opção pela engenharia civil no quesito atividade profissional entre os anos de 1895 e 1896, e dentre os inúmeros trabalhos exercidos por ele está a construção da ponte em São José do Rio Pardo, onde voltou anos mais tarde para reerguê-la. Esta foi a época de maior estabilidade na vida do escritor e ali diante de “suas preocupações de engenheiro de obras, a mexer com trenas, teodolitos, tabelas, régua e esquadros, a fazer cálculo de custos de elevações de tijolos, guarnições de pedra, revestimentos e soalhos, ele reforça suas relações com autores e livros” (ANDRADE, 1960, p.

³⁷GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao Sr. Redator, 18 de fevereiro e 20 de fevereiro de 1894 (Rio de Janeiro).p. 62 e p. 63.

³⁸GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Brandão, 28 de abril de 1896 (São Paulo). p. 95

³⁹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat, 27 de março de 1895 (Campanha- MG). p. 71.

⁴⁰GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a João Luís, 8 de julho de 1895 (Belém do Descalvado). p. 79.

⁴¹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Brandão, 05 de setembro de 1895 (São Paulo). p. 87.

79). Euclides da Cunha lia, sobre todos os aspectos, cronistas que escreveram sobre as terras brasileiras, construía naqueles dias embasamento teórico para escritos posteriores.

Os dias correm e com eles a preocupação do engenheiro quanto ao futuro, numa carta a Sólon, seu sogro, Euclides da Cunha pede conselhos sobre sua permanência no exército, pois o seu “tempo de agregação está a expirar” e precisava tomar uma decisão, sair de vez da carreira das armas ou permanecer no exército, tinha trabalhado e lucrado muito nos meses anteriores como engenheiro⁴². A decisão foi tomada e Euclides da Cunha saía do exército, e era definitivo. Roberto Ventura vai reforçar a ideia de que sua saída do exército em 1896 fez parte de “seu crescente distanciamento perante a corporação e a República, que os cadetes da Escola militar tinham ajudado a fundar” (VENTURA, 2019, p. 150).

O engenheiro, escritor, poeta e professor, que teve uma infância instável e talvez sofrida, impaciente, e também inconstante em busca de uma vida que o tirasse da monotonia dos dias expressava suas ideias de maneira segura e convicta. Expressaria ainda mais nos meses seguintes com a explosão de uma guerra no interior do país, seus artigos publicados nos periódicos o levariam a trilhar uma jornada que foi decisiva na sua carreira como escritor.

⁴²GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Sólon, 10 de janeiro de 1895. p. 67 * “A carta foi publicada como sendo de 1895, mas os fatos referidos ocorreram em 1896 e a carta de resposta de Sólon é de março de 1896”. (VENTURA, 2019, p. 303).

CAPÍTULO 02

A GUERRA DE CANUDOS

2.1 Um Arraial no Sertão

Uma agitação desenvolvia-se no interior da Bahia, era um acontecimento que “dava ao ambiente brasileiro um aspecto trágico” (OCTAVIO, 1942, p. 70). A guerra de Canudos foi um conflito desencadeado nos sertões da Bahia, numa povoação formada por um arraial de sertanejos, por nome Belo Monte, que ficou popularmente conhecido como Canudos, e “ganhou projeção nacional entre 1893 e 1897, quando foi destruída pela guerra e pelo fogo após uma sangrenta luta de alguns meses” (CALASANS, 2002, p. 72), liderados por Antônio Conselheiro, este passava os dias dando conselhos e orientando os pobres do sertão que eram desprezados pelas autoridades (Nogueira, 1978) e que se aglomeraram naquela região da Bahia formando no decorrer dos anos uma população com cerca de 26.000 pessoas, dados especulados por Ataíde (1994) com base na informação do exército de que no arraial tinha 5.200 casas de pau-a-pique, a autora aponta que em cada casa poderia haver uma família de 5 componentes, entretanto não são dados concretos visto que naquele arraial poderia haver vendas de casas e casas sem moradores, afirma a própria autora. Até 1895, Canudos não era uma ameaça, era apenas um aglomerado de camponeses despossuídos dos sertões, mas houve “desentendimentos locais sobre a compra e a entrega de certa quantidade de madeira para o arraial, em fins de 1896” (HERMANN, 1996, p. 92), de acordo com Euclides da Cunha (1975) a madeira serviria para a edificação de uma igreja no arraial e não foi entregue, causando, dessa forma, a insatisfação dos sertanejos, o fato passou a ser comentado nas rodas de conversas e rapidamente se espalhou entre o povo chegando aos ouvidos das autoridades alguns boatos. Estava ali a gênese de um dos maiores movimentos de massa sertaneja, segundo Djacir Menezes (1937), Canudos foi um caso célebre na história do Brasil.

2.2 Questão de Honra

Recordamos então, que a República estava em seus primeiros anos, ainda instável. Em meio a momentos conturbados da administração pública, Prudente de Moraes buscava governar

o Brasil (Octavio, 1942, p. 69). O então presidente se afastou da cadeira presidencial por problemas de saúde, o vice, Manuel Vitorino, assumiu interinamente o governo, estava no poder quando o fato citado acima aconteceu.

O que é dito sobre o fato por Luís Viana, governador da Bahia, em mensagem ao presidente da República relatando os acontecimentos que deram largada a guerra é o seguinte

Era esta, a situação, quando recebi do Dr. Arlindo Leoni juiz de direito do Juazeiro, um telegrama urgente, comunicando-me correrem boatos mais ou menos fundados de que aquela florescente cidade seria por aqueles dias assaltada por gente de Antônio Conselheiro⁴³ (p. 03).

Com o intuito de impedir que os seguidores de Antônio Conselheiro invadissem Juazeiro, foram enviados sob o comando do tenente Manuel da Silva Pires Ferreira 3 oficiais e 104 soldados a fim de barrar os sertanejos (Cunha, 1975). Os canudenses, conhecedores da geografia local, fato que foi favorável no momento de se defender, foram de encontro ao exército que se encolhia diante de uma gente pobre e sem armamento adequado para se defender.

A primeira expedição entrou no sertão sob um sol escaldante, numa terra sem árvores frondosas e tomada pela seca. Chegam a Uauá, e os olhos dos adeptos de Antônio Conselheiro acompanhavam tudo, sempre à espreita, ouvindo as conversas entre os expedicionários. Ali a tropa descansou, e os poucos moradores de Uauá deixaram o povoado em pequenos grupos e ao raiar do dia, Uauá era uma localidade vazia a não ser pelos soldados da expedição, a questão é que os lugares que faziam vizinhança com Canudos eram adeptos de Conselheiro, fugiram levando consigo informações de que o exército os atacariam. E o inesperado aconteceu para o exército, os canudenses se preparavam para ir de encontro aos soldados. Na manhã de 21 de novembro os sertanejos “despertavam os adversários para a luta” (*Idem*, 1975, p. 180). A princípio não em forma para guerrear, parecia mais uma procissão, cantando e rezando como quem intercede pela paz, mas quando a tropa acordou, o primeiro tiro foi dado e uma batalha logo foi travada resultando em 10 expedicionários mortos e 150 sertanejos, e 16 feridos da expedição, a tropa falhou na missão. O número de mortos entre os canudenses era maior, pontuamos ainda o fato de que o armamento militar era mais superior do que o dos sertanejos.

A notícia da derrota da expedição militar logo se alastrou pelo país, telegramas correram pelo Brasil informando o que seria de certa forma uma vergonha nacional, aquela luta

⁴³Biblioteca Digital do Senado. Mensagem do governador da Bahia (Dr. Luís Viana) ao Presidente da República-15 de março de 1897.

desastrosa precisava de uma retaliação, era questão de honra defender o Brasil e recuperar o prestígio do exército diante da derrota pelos “fanáticos” canudenses. Seria montada outra expedição, mas esta assim como a anterior não teve um plano firme de combate.

A pedido do governo da Baía (sic), o Governo Federal — durante a interinidade de Manoel Vitorino — teve que intervir, enviando para o interior daquele Estado uma força de mais de 500 homens, sob o comando do Major do exército Febrônio de Brito. (OCTÁVIO, 1942, p. 72)

A expedição que agregava vários soldados, que bradavam “pátria, glória, liberdade” (CUNHA, 1975, p. 201), também não obteve sucesso, saindo então da batalha com suas vestes totalmente despedaçadas e a perda de seus companheiros de farda. Apesar dos sertanejos não terem armas quanto ao porte do exército, souberam se organizar para o combate,

Dispunham em grupos de três ou quatro, rodeando a um atirador único, pelas mãos do qual passavam, sucessivamente, as armas carregadas pelos companheiros invisíveis, sentados no fundo da trincheira. De sorte que se alguma bala fazia baquear o clavinheiro substituía-o logo qualquer dos outros (CUNHA, 1975, p. 212)

Diante do fracasso da segunda expedição, uma terceira é montada e o coronel Moreira César (1850-1897), homem de renome, ele seria o “chefe da expedição vingadora” (CUNHA, 1975, p. 229). As escolhas que fizeram para traçar caminho a Canudos não foram sábias, percorreram horas em sol ardente e enorme seca, marchavam para o desconhecido como Euclides da Cunha escreveu em *Os sertões*, trilhavam por veredas até então desfrequentadas. Travando combates durante o percurso, começaram a perder homens antes mesmo de chegar ao arraial, mas prosseguiram de encontro aos “jagunços”, replicando a cada investida de seu inimigo. Canudos estava à vista, como uma enorme tapera inabalável, protegida por seus fiéis moradores que a defendiam a qualquer preço.

Os ataques ao nobre arraial iniciaram, e logo foram sucedidos de uma represália por parte dos sertanejos que não mediram esforços em defender seus lares, morriam pessoas de ambos os lados, mas apenas um triunfou, Canudos. Entretanto, aquela expedição foi diferente, um episódio a tornou mais trágica e vergonhosa que as anteriores, no auge de um combate Moreira César, que dirigia a expedição punitiva, foi baleado e morto, a guerra tomaria uma proporção maior do que já estava tendo, tudo estava sendo documentado nos jornais, e o Brasil acompanhava o conflito vibrando para que o exército derrotasse o que chamavam de “conspiração” contra a República.

Corria o mês de março quando o coronel Moreira César, foi morto em combate, as informações que chegavam aos jornalistas muitas vezes eram incertas, Moreira César faleceu em 3 de março e a notícia só foi confirmada pelos jornais dias depois. *O Paiz*, em 7 de março, publicou que a morte do coronel se tratava apenas de um boato⁴⁴. Já no dia seguinte o jornal asseverou que de fato houve a morte do coronel, o nome de Moreira César passou a estampar as capas de jornais⁴⁵. *O Estado de S. Paulo* informava que a expedição Moreira César tinha sido um desastre e isso era perceptível, “basta olhar para essa agitação que convulsiona o povo”⁴⁶; uma série de tumultos tomaram conta das ruas do Rio de Janeiro e São Paulo, o luto era declarado principalmente pelos companheiros de farda, a morte do coronel Moreira César seria vingada, a morte de Moreira César foi, como podemos observar a faísca que faltava para uma explosão maior do conflito.

2.3 Um correspondente rumo a Canudos

Diante dos últimos acontecimentos, Euclides da Cunha escreveu em 14 de março de 1897, a seu amigo de Campanha - MG, João Luís⁴⁷, sobre Canudos e de seu embate com a República, comentava ainda em outra carta que “o que me impressiona não são as *derrotas* — são as derrotas sem combate — em que o chão fica vazio de mortos e o exército se transforma num bando de fugidos”⁴⁸. Não só Euclides da Cunha procurava entender esse fato, mas todos os que acompanhavam a guerra por meio das publicações dos periódicos.

O escritor procurou argumentar sobre o conflito em 14 de março e 17 de julho de 1897. No jornal *O Estado de São Paulo* publicou dois artigos cujos títulos foram *A Nossa Vendeia*⁴⁹, no qual descreve geograficamente o sertão da Bahia. O escritor procurou Teodoro Sampaio, a quem tinha se aproximado no ano de 1892 quando foi nomeado engenheiro da Obras Públicas de São Paulo, viam-se poucas vezes em decorrência das inúmeras viagens de engenheiro

⁴⁴HDBN. “O caso do Conselheiro”. *O Paiz* (Rio de Janeiro) 07 de março de 1897. n. 04538, p. 01.

⁴⁵HDBN. “Coronel Moreira César”. *O Paiz* (Rio de Janeiro), 08 de março de 1897. n. 04539, p. 01.

⁴⁶Acervo Digital de O Estadão. “Pela República”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 09 de março de 1897. 06689, p.01.

⁴⁷GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a João Luís, 14 de março de 1897 (São Paulo). p. 103.

⁴⁸GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a João Luís, 01 de abril de 1897 (São Paulo). p. 104.

⁴⁹Acervo Digital de O Estadão. “A Nossa Vendeia”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo). 14 e 17 de março de 1897. n. 06694; 6818 p. 01.

Uma vez tornou-me mais depressa do interior, e vinha mais animado. Era outro e tinha como que um vago pressentimento de que o seu destino ia mudar. Aquela pasmaceira de tantos anos ia ter o seu fim. E foi quando se ateou a guerra de Canudos no íntimo dos sertões bahia-nos (sic), em 1896, após o insucesso de duas sucessivas expedições mandadas contra os jagunços fanatizados de Antônio Conselheiro.⁵⁰

Euclides da Cunha “conhecia o desvelo que seu sábio amigo dedicava ao estudo de sua terra”⁵¹, Teodoro Sampaio percorreu a Bahia entre 1878 e 1880, numa expedição sob a direção do engenheiro americano William Milnor Roberts, o objetivo era estudar os melhoramentos de portos do Brasil e a navegação interior dos grandes rios que desembocam na costa oriental (Sampaio, 1906), o engenheiro forneceu um mapa inédito referente a parte superior do Vaza Barris e de Canudos,

Levou-me algumas notas das que eu lhe ofereci sobre as terras do sertão que eu viajara antes dele, em 1878. Pediu-me cópia de um meu mapa ainda inédito, na parte referente a Canudos e vale superior do Vasa Barris, trecho de sertão ainda muito desconhecido, e eu lhe forneci como forneci ao governo de S. Paulo que dela tirou mais de um exemplar, remetido para o Rio, ao Ministério da Guerra.⁵²

Este material foi fundamental na construção de *Os Sertões*, aliado ao fato de que o escritor já carregava consigo um vasto conhecimento acerca de geologia considerando que havia estudado bastante para o concurso da politécnica. A leitura do mapa geográfico da Bahia de Teodoro Sampaio (fig. 01) lhe proporcionou uma visão mais clara do sertão.

Segundo Gilberto Freyre, Euclides da Cunha “teve em Teodoro Sampaio não só um colaborador, mas um orientador no estudo de campo de geografia e de história geográfica e colonial do Nordeste” (FREYRE, 2002, p. 34). Teodoro Sampaio, em sua viagem procurou documentar em forma de diário o seu percurso pelos sertões nordestinos, a terra que era desfrequentada e de uma população com costumes diferentes do litoral ganhava com os escritos Teodoro Sampaio uma visibilidade maior com a publicação de sua obra. No campo da geologia, estudou os compostos da terra nordestina, “procurei antes reunir num mapa mais amplo todos os dados fidedignos que consegui colher com relação a essa parte do território bahiano”

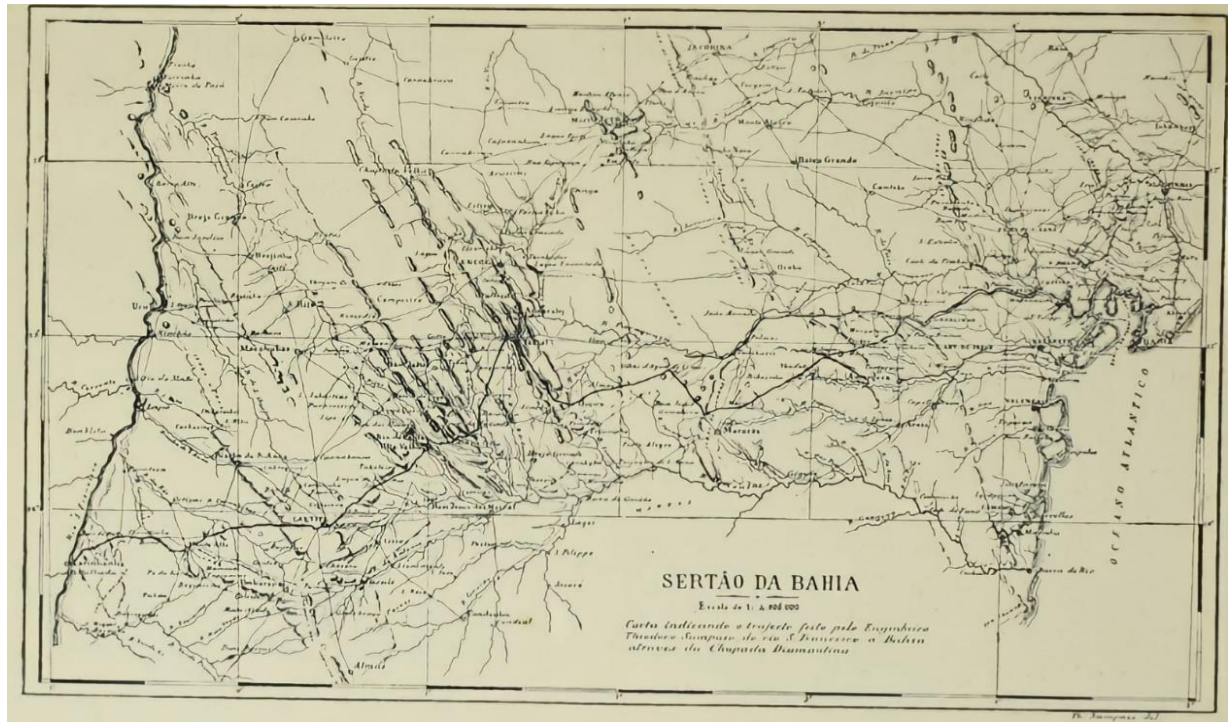
⁵⁰Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin- BBM DIGITAL. “A vida anecdótica e pitoresca dos grandes escritores: EUCLYDES da CUNHA (Exceptos de um discurso)”. *A Novella Semanal* (São Paulo) 23 de maio de 1921. n 00004, p. 71.

⁵¹HDBN. “Euclides da Cunha e Teodoro Sampaio”. *Autores e Livros : suplemento literário de A Manhã* (Rio de Janeiro). 23 de agosto de 1942. n. 00006, p. 01.

⁵²BBM DIGITAL. “A vida anecdótica e pitoresca dos grandes escritores: EUCLYDES da CUNHA (Exceptos de um discurso)”. *A Novella Semanal* (São Paulo) 23 de maio de 1921. n 00004, p. 71

(SAMPAIO, p. 180), para o engenheiro, seu mapa era um avanço no que diz respeito a cartografia brasileira, colheu os dados e procurou verificar minuciosamente cada um, afirmou ainda que sua pesquisa era, sobretudo, um documento digno de confiança e mais bem representado. O que é lamentado pelos estudiosos é que a publicação veio a ser tarde demais.

Figura 01- Mapa do Sertão da Bahia (1879-1880).



Fonte: (SAMPAIO, 1906, p. 181).

Por meio do mapa, Euclides da Cunha construiu seu texto nos fazendo percorrer pela Bahia sem ao menos sair do lugar, o jornalista apresenta ainda, no artigo, Antônio Conselheiro, líder do arraial de Canudos como o inimigo da república. Enfatiza a aproximação histórica que fez referência no título do artigo, “como na Vendéia o fanatismo religioso que domina as suas almas ingênuas e simples é habilmente aproveitado pelos propagandistas do império”⁵³ escreveu o autor, confiante que assim como na Revolução Francesa, o governo brasileiro também sairia triunfante. No artigo de 17 de julho o autor de *Os Sertões* abordou mais uma vez o local do conflito enquanto um lugar de difícil acesso devido a sua geografia. Euclides da Cunha afirma “a marcha do exército republicano opera-se nesse labirinto de montanhas”, e logo apresenta a figura do “jagunço” em seu território, conhecedor de cada curva em meio aos

⁵³Acervo Digital de O Estadão. “A Nossa Vendéia”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo). 14 de março de 1897. n. 06694 . p. 01.

espinhos que não lhe rasgam as roupas, pois estas eram feitas de couro curtido, considerando que “as próprias armas inferiores que usam, na maioria, constituem um recurso extraordinário”⁵⁴.

Com esse evento no centro dos debates políticos, “os principais jornais do Rio de Janeiro e São Paulo enviam correspondentes, quase todos ex-militares, para cobertura da guerra de Canudos” (COSTA, 2017, p. 22). Foi nesse contexto que Júlio Mesquita, redator do jornal *O Estado de S. Paulo*, sabendo que de São Paulo partiria um batalhão à Bahia, decidiu enviar um correspondente do jornal para a cobertura da guerra, assim como faziam os demais jornais, enxergando em seu colega na redação do jornal, Euclides da Cunha, alguém preparado para o trabalho. Ao aproximar-se de sua mesa de trabalho na redação disse “Euclides, chegou o momento de escrever a sua grande obra” convidando-o então para cobrir a guerra. O escritor inicialmente negou o convite, mas após as insistências do amigo, cedeu e aceitou o pedido⁵⁵. Segundo Roberto Ventura (2019), Júlio Mesquita enviou telegrama ao presidente da República, com o intuito de que nomeasse o segundo tenente reformado do exército ao Estado Maior, com essa nomeação o escritor teria o privilégio de acompanhar o planejamento das operações militares de perto. Em 30 de julho *O Estado de S. Paulo* publicou que “por contrato firmado com esta empresa, o Dr. Euclides da Cunha nos enviará correspondências do teatro das operações”⁵⁶. Concedida a nomeação de adido Estado Maior, Euclides da Cunha embarcou em 03 de agosto às cinco horas e vinte minutos da tarde (Cunha, 2009) e com seu nobre caderno de bolso o então repórter começou a documentar a viagem

Escrevo rapidamente, mui rapidamente mesmo, acotovelado de quando em vez, por passageiros que passam, num coro de interjeições festivas, e nas quais meia dúzia de línguas se fundem no mesmo entusiasmo. É a admiração perene e ruidosa pela nossa natureza extraordinária e belíssima. (CUNHA, 2009, p. 68)

Estava indo em nome da pátria, pela qual tanto lutara nos dias de cadete na Escola Militar da Praia Vermelha, acreditava na geração do 15 de novembro e que ela estaria “pouco disposta a deixar que extingam a sua mais bela criação”⁵⁷. Durante o percurso a bordo do navio

⁵⁴ Acervo Digital de O Estadão. Euclides da Cunha “A Nossa Vendeia”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo). 17 de julho de 1897. n. 6818, p. 01.

⁵⁵ Acervo Digital de O Estadão. “ ‘Os Sertões’ e o ‘Estado’ ”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo) 13 de dezembro de 1952. n. 23802, p. 05.

⁵⁶ Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo*. (São Paulo), 30 de Julho de 1897. n. 6831 p. 01.

⁵⁷ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a João Luís, 14 de março de 1897 (São Paulo). p. 103

que o levaria até a Bahia, Euclides da Cunha se preocupou em documentar os detalhes da viagem, analisando os soldados e vendo em seus rostos a saudade de casa “a disposição entre os oficiais é a melhor possível. A saudade, imensa e indefinível saudade dos entes queridos ausentes, desce às vezes profunda e dolorosa” (CUNHA, 2009, p. 70), mas tudo aquilo era consolado pelo fato de que estariam lutando pela pátria, iriam trazer vitória, estavam confiantes.

Ao desembarcar em Salvador, o jornalista procurou saber sobre o conflito e em 7 de agosto enviou um telegrama para *O Estado de S. Paulo* onde afirmava que na Bahia havia menos curiosidade do conflito do que no restante do país⁵⁸. Permaneceu na Bahia por três semanas antes de partir ao arraial, enviando telegramas à redação de *O Estado de S. Paulo* a fim de informar os seus passos enquanto correspondente do jornal. Na quarta-feira, dia 11 de agosto, o periódico publicou o telegrama enviado pelo escritor dois dias antes, no qual dizia que havia em Canudos soldados feridos e que a caminho estavam alunos de medicina, relatava que até mesmo soldados à beira da morte erguiam-se e exclamavam “viva a república!” o brado era sobre todos os aspectos, um grito de guerra. Julgavam-se sobretudo felizes pelo sacrifício prestado em nome da república⁵⁹, mesmo com o número de soldados feridos só aumentando conforme o passar de dias, o exército avançou até chegar num ponto onde os “jagunços” encontram-se encurralados sob forte bombardeio⁶⁰, “os jagunços” não cediam, lutavam sem parar.

Enquanto a guerra ganhava projeção nacional por meio da imprensa, o correspondente de *O Estado de S. Paulo* cumpria seu papel de jornalista enviando telegramas ao jornal e dava continuidade ao *Diário de Uma expedição*, sendo os textos publicados em *O Estado de S. Paulo*, o primeiro escrito em 10 de julho e publicado pelo jornal em 18 de agosto, revelava ali uma Bahia com batalhões reunidos de vários lugares do país, unidos em um único propósito e bradando um grito de vitória confiante e um incessante retinir de espadas⁶¹. As linhas do telégrafo viram ser escrita diversas vezes o “viva a República!” como frase final dos telegramas, a forma como entonavam a frase dava uma convicção de que a guerra seria vencida.

O mês de agosto corria e Euclides da Cunha, aguardava a licença para ir para o campo de guerra, observava os soldados chegarem da luta, feridos e com seus trajés despedaçados,

⁵⁸Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 08 de agosto de 1897. n. 06840, p. 01.

⁵⁹Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 11 de agosto de 1897. n. 06843, p. 01.

⁶⁰Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 11 de agosto de 1897. n. 06843, p. 01.

⁶¹Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 18 de agosto de 1897. n. 06850, p. 01

cenas que causavam desconforto para quem as via⁶², o cansaço e a exaustão da guerra estampados em seus rostos.

Quando um “jagunço” de 14 anos foi trazido de Canudos para a Bahia interrogaram-no a respeito da vida no arraial, o menino respondeu como se passavam os dias no povoado, além de descrever os personagens em volta do Conselheiro. A conversa com o garoto fluía e em um momento Euclides da Cunha o interrogou acerca dos armamentos, obtendo resposta que os sertanejos tinham espingardas antes mesmo da primeira expedição e que depois dos ataques à Canudos, com o abandono dos canhões do exército, estes foram lançados em valas e usados como escudo protetor⁶³, o que deu mais vantagem para os canudenses em questão de defesa.

2.4 Um Percurso Perigoso

Até aquele momento, o correspondente de *O Estado de S. Paulo* só via a guerra por um ângulo, por um viés que enxergava os habitantes do arraial como ameaçadores da ordem vigente, supunha o jornalista que Canudos era um centro de conspiração contra a República. Em 4 de setembro *O Estado de S. Paulo* publicou um telegrama de Euclides da Cunha na seção “Canudos”. O correspondente informou que em aproximadamente dois dias estaria em Monte Santo, nome pelo qual também referiam-se a Canudos⁶⁴. Estava por enquanto em Queimadas, localidade na qual combatentes reuniram-se num pequeno quartel antes de partirem à guerra⁶⁵. Era preciso marchar rumo aos “inimigos” da República e destruí-los em nome dos soldados que ali já haviam padecido. De Queimadas, escrevia que aos poucos Canudos ia desaparecendo silenciosamente, os sinos cessaram de tocar, as rezas já não eram mais ouvidas, e a noite já não brilhava como antes⁶⁶. Ali em Queimadas, Euclides da Cunha conversava com os soldados que regressavam da batalha, via em seus semblantes o cansaço, e a fé de que o arraial estava com os dias contados, não deveriam resistir à exaustão da guerra.

⁶²Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 24 de agosto de 1897. n. 06856, p. 01.

⁶³ Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 27 de agosto de 1897. n. 06859, p. 01.

⁶⁴ Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 04 de agosto de 1897. n. 06867, p. 01.

⁶⁵Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 09 de setembro de 1897. n. 06872, p. 01.

⁶⁶ Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 14 de setembro de 1897. n. 06877, p. 01.

O correspondente partiu rumo ao campo de batalha, e em 4 de setembro, enquanto o acampamento dormia, o escritor redigiu uma carta para *O Estado de S. Paulo*. Estava em Tanquinho, localidade que ficava a cinco léguas de Queimadas, o que equivale a 24 quilômetros. Achou o lugar detestável, e o percurso até lá foi de extremo cansaço causado pelo sol escaldante do sertão e pela sede⁶⁷.

O caminho em direção à Canudos foi alongado “pela falta de cidades e mesmo vilas importantes num longo percurso, e pela aridez da região, tinha que ser vencida a pé ou em lombo de animal” (FACÓ, 1965, p. 97). Foi um trecho perigoso, no qual as brigadas deveriam estar atentas à própria sombra para não serem pegas pelo adversário de surpresa, parafraseando Euclides da Cunha, o exército estava trilhando uma zona perigosa, o caminho estava cheio de restos de roupas aos pedaços e ossadas humanas. Não estavam sozinhos, os “jagunços” à espreita por trás de pedras e nas trincheiras esperavam o momento certo de atacar os soldados para que não chegassem a Canudos, se bem analisarmos, o plano dos canudenses era enfraquecer o exército no caminho, deixá-lo com um número menor de soldados nas estradas que os “jagunços” sabiam de cor cada vala, moita e esconderijo ficava mais fácil de se defender. No percurso, o jornalista observou os restos mortais de soldados e de canudenses e as fardas que eram apenas trapos.

Despontavam em toda a banda recordações cruéis: molambos já incolores, de fardas, oscilando à ponta dos esgalhos secos; velhos selins, pedaços de mantas e trapos de capotes esparsos pelo chão, de envolta com fragmentos de ossadas. À margem esquerda do caminho, erguido num tronco — feito um cabide em que estivesse dependurado um fardamento velho — o arcabouço do coronel Tamarindo, decapitado, braços pendidos, mãos esqueléticas calçando luvas pretas (CUNHA, 1975, p. 304)

Era horripilante aquela visão, falava por si mesmo os corpos no caminho, indicando a determinação que os sertanejos tinham de proteger seus lares dos militares, derrotando três expedições, nenhuma entrando no arraial.

2.5 A Luta Final

⁶⁷ Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 21 de setembro de 1897. n. 06884 p. 01.

Quando o exército chegou a Monte Santo, Euclides da Cunha descreveu a base de operações em um artigo enviado para *O Estado de S. Paulo*. Afirmou que “aquele era um humilde arraial perdido no seio do sertão”⁶⁸, eram sobretudo homens do exército enfrentando homens de chapéu de couro e espingardas, que se defendiam dos pelotões com toda a força e garra que tinham, lutavam e morriam de ambos os lados.

Já em Canudos, o correspondente escreveu, “os tiroteios eram diários entre as nossas forças e os jagunços”⁶⁹ o arraial caía dia após dias, o fogo consumia as nobres casas dos sertanejos que viram as chamas consumir todo o trabalho que tiveram para construir aquela cidade. Canudos estava sitiada⁷⁰, em poucos dias seria reduzida às cinzas. O momento mais aguardado pelo exército e pelas autoridades brasileiras estava chegando, corria o dia 29 de setembro e o correspondente de *O Estado de S. Paulo* escreveu que Canudos cairia em poucos dias, era inevitável a sua derrota diante das circunstâncias em que se encontravam⁷¹, cansados, feridos, com fome, com sede e vivendo no meio de cadáveres carbonizados. A exaustão era enorme, “nos corpos emagrecidos e nas vestes em pedaços, liam-se as provações sofridas” (CUNHA, 1975, p. 454), a tomada completa de Canudos estava prestes a acontecer, era inevitável a vitória.

Com o propósito de uma aniquilação completa, os soldados brasileiros triunfaram na luta, que há bastante tempo, como afirma Euclides da Cunha, já havia perdido o seu caráter militar, e entre sons de balas, canhões e gritos de morte a cidade de Canudos era cercada e destruída (fig. 02). Vislumbra-se através da escrita do autor, no rosto do homem sertanejo uma feição de horror, uma alma vazia quanto ao espírito patriota, aniquilado em seu próprio lar e pelos irmãos brasileiros.

Canudos não se rendeu. Exemplo único em toda a história, resistiu até o esgotamento completo. Vencido palmo a palmo, na precisão integral do termo, caiu no dia 5, ao entardecer, quando caíram os seus últimos defensores, que todos morreram. Eram quatro apenas: um velho, dois homens feitos e uma criança, na frente dos quais rugiam raivosamente cinco mil soldados. (CUNHA, 1975, p. 476)

⁶⁸Acervo Digital de O Estadão. “Canudos: Diário de uma expedição”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 22 de setembro de 1897. n. 06885, p. 01.

⁶⁹Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 25 de setembro de 1897. n. 06888, p. 01.

⁷⁰*Idem*

⁷¹Acervo Digital de O Estadão. “Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 30 de setembro de 1897. n. 06883, p. 01.

Findava-se ali o capítulo mais dramático da história brasileira e mal interpretado, Canudos ficou no meio do sertão baiano, guardando os corpos em decomposição de seus moradores até ser tomado pelas águas do Vaza-Barris. O escritor cessou de escrever sobre a guerra para o jornal, os leitores que já estavam acostumados a comprar o periódico e ler os artigos de Euclides da Cunha sentiram um vazio nas páginas do jornal, somente dias após o fim da guerra e do retorno, foi que o escritor escreveu na coluna “canudos” de *O Estado de S. Paulo*, no artigo escrito em 1º de outubro e publicado em 25 do corrente, escreveu sobre as manhãs em Canudos, descreveu como o dia raiava em Canudos, passo a passo, mais adiante apontou que o dia perdia a sua feição de beleza e passava a ser uma manhã lúgubre devido aos bombardeios, escreveu sobre os últimos momentos que presenciou, mas o horror ante seus olhos foi silenciado naquelas quatro colunas de texto, mas foi relatado anos mais tarde em *Os Sertões*, como uma denúncia. Walnice Nogueira Galvão (2019) pontuou que o fato de que Euclides da Cunha ter tido uma educação militar pesou bastante em seus escritos. Apesar de, ao findar a guerra, o olhar do jornalista ser outro acerca de Canudos talvez temer escrever o pensava na época.

Fig. 02- Flávio de Barros. Ataque e incêndio em Canudos, 1897. Canudos, Bahia/ Acervo museu da República/Imagem recuperada digitalmente pelo Instituto Moreira Salles.



Fonte: <https://brasilianafotografica.bn.gov.br/>

Os dias na “vendeia” brasileira, foram sombrios e moldaram a vida do escritor, o jovem apaixonado pela república que saiu de São Paulo afirmava “e domá-la-emos – A República é imortal...” (CUNHA, 2009, p. 69) já o que voltou da guerra escrevia de modo totalmente diferente, afirmando que aquela campanha “foi, na significação integral da palavra, um crime. Denunciemo-lo” (*idem*, 1975, p. 07).

O período de cinco anos constituiu um hiato da guerra à finalização da obra, o pensamento do escritor acerca da Guerra de Canudos foi moldado. José Carlos Reis (2006) pontua que os acontecimentos na história precisam de tempo para que finalmente possam revelar o seu sentido, segundo o autor quanto mais afastado do tempo em que aconteceu o fato mais profunda torna-se a sua percepção acerca do passado. Se naquela época Canudos era visto como uma ameaça à República, cinco anos depois o arraial passou a ser observado como vítima da violência da mesma. Ao ler Euclides da Cunha com seu modo narrativo literário, a sociedade enxergou o que o tempo havia abafado. É como Bosi (2015, p. 23) afirma, “a palavra altera a nossa lembrança do fato, ora tornando-se mais grave, ora aliviando-o de seu fardo molesto quando não trágico”.

O jornalista permaneceu 18 dias em Canudos, de 16 de setembro até 3 de outubro, com sua nomeação ao Estado-Maior pôde acompanhar o confronto de perto, retirou-se de Canudos doente por causa de uma febre, já encontrava-se doente antes mesmo de estar no anfiteatro das operações, revela o jornalista em carta a Reinaldo Porchat em 20 de agosto, e afirma que nada o desanimaria “irei até o último resto de energia e só voltarei quando a marcha a frente for um suicídio”⁷². Somando os artigos “Canudos- diário de uma expedição” que o autor escreveu para *O Estado de S. Paulo*, totaliza-se 19 artigos e os telegramas enviados por Euclides da Cunha 33, lembrando que o periódico publicava todos os dias a coluna “Canudos”, mas nem sempre eram os artigos e telegramas de Euclides, visto que nem todos os dias o escritor enviava. Após a aniquilação do arraial de Canudos, aos poucos os jornais deixaram de comentar sobre o conflito, aquela era uma página que deveria ser esquecida.

Cinco anos depois, em 1902 um livro foi publicado, *Os Sertões*, escrito pelo correspondente de *O Estado de S. Paulo*, e o conteúdo não era apenas uma narração da guerra, era uma denúncia. Entre as páginas dos periódicos que trataram do conflito e *Os Sertões* há um hiato que reformulou o pensamento do escritor, a experiência traumática de uma guerra moldou a visão de Euclides da Cunha acerca da república. Assim que retornou da Bahia, foi para a fazenda do pai a fim de se recuperar da doença, escreveu a Porchat pedindo desculpas por não ter se despedido do amigo “desculpe-me o ter partido daí sem ter procurado ver-te. Saí doente — e ainda estou; ainda tenho restos da maldita febre”⁷³, este foi um período em que pensou que não conseguiria escrever *Os Sertões* olhava para as páginas em branco procurando por onde

⁷²GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat. 20 de agosto de 1897 (Bahia). p. 108.

⁷³GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat. 27 de out. de 1897 (Belém do Descalvado). p. 109.

começar a escrever e tudo o que lhe vinha à mente era que não conseguiria realizar o propósito final de sua viagem, escrever um livro acerca do conflito⁷⁴.

⁷⁴GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Domingos Jaguaribe. 23 de dezembro de 1897 (Belém do Descalvado). p. 112.

CAPÍTULO 03

Jornalismo, história e literatura

3.1 A pena e o escritor

O século XIX serviu de palco para vários escritores iniciarem suas carreiras, foi o século em que a pena foi usada com bastante vigor. O XIX deu notoriedade a escritores que puderam alcançar grande reconhecimento por seus escritos. Foi através do jornalismo que nomes como Machado de Assis (1839-1908), José de Alencar (1829-1877) e Euclides da Cunha (1866-1909) consagraram suas carreiras. Em *Pena de Aluguel* (2005), a autora Cristiane Costa afirma

Os jornais e revistas tinham como trunfo servirem de berçário, vitrine, pedestal e mesmo de trampolim para o homem de letras, encarregando-se do recrutamento, da visibilidade e dos mecanismos de consagração dos escritores. Era a imprensa que dava as condições de sobrevivência e de divulgação para a produção dessa massa crescente de intelectuais brigando por um lugar ao sol. (COSTA, 2005, p. 10).

A imprensa brasileira da época dava lugar a mais páginas e seções, que tinham o intuito de informar, entreter e atrair novos leitores. Nesse ambiente muitos escritores renomados entraram para o jornalismo, assim, muito se deve a imprensa por propagar as ideias de vários escritores.

No início do século XX, o jornalista João do Rio colheu uma série de depoimentos de vários escritores sobre a literatura, publicados inicialmente em *A Gazeta de Notícias* (RJ) e reunidos no ano de 1907 em *O Momento literário* (1994). Dentre os que atenderam o jornalista está Olavo Bilac (1865-1918), este afirmou que o jornalismo foi para os escritores brasileiros um grande bem e que sem o mesmo os escritores não teriam sido lidos, segundo o escritor, a literatura falharia se não fosse o jornal. Sylvio Romero (1851-1914) pontuou que foi no jornal que os melhores talentos estrelaram e poliram a sua linguagem aprendendo a arte da palavra escrita. Félix Pacheco (1879-1935) afirmou que a melhor literatura dos últimos anos fez-se saber por meio da imprensa, pode-se considerar que a imprensa foi o berçário dos renomados escritores da literatura nacional.

O cenário político-social serviu de inspiração para vários escritos, como folhetins, crônicas, comentários políticos, entre outros tópicos, o jornal era também literatura, fez

sobretudo o papel de uma revista literária, formando assim grandes escritores (Coutinho, 1997). Diante dessa presença dos literatos nos periódicos brasileiros não podemos omitir que o jornalismo teve uma grande influência na história da literatura brasileira.

Sobre todos os efeitos, a literatura nacional tem para com o jornalismo uma dívida enorme, lhe servindo com um dos principais alicerces. O dom literário de muitos jornalistas fazia com que a atenção dos leitores fosse cativada ao ler as crônicas nos jornais. O jornalismo e a literatura passaram a ser antes de tudo, áreas do conhecimento companheiras que construíram uma memória nacional. Ronald de Carvalho em *A Pequena História da Literatura Brasileira* (1932) pondera que um povo sem literatura estaria destinado ao esquecimento, para o autor a palavra exerce um papel de extrema importância no que se refere a conservação da memória de uma nação, é a literatura que antes de tudo passa ao leitor as diversas imagens da população, sejam tristes ou alegres.

São fatos que narram histórias de vida, como o que aconteceu no último quartel do século XIX, a Guerra de Canudos, que alcançou por meio dos jornais o debate público nacional, maximizada pelo trabalho de Euclides da Cunha, que mais tarde publicou sua maior obra, inspirada em seus testemunhos do conflito.

3.2 Uma Cabaninha à margem do Rio Pardo e o Livro “Vingador”

O ano sangrento que foi 1897 findou-se e o correspondente de *O Estado de S. Paulo* regressou aos seus trabalhos de engenharia, seguiu para São José do Rio Pardo a fim de reconstruir a ponte sobre o rio, obra da qual participou em 1896. Euclides da Cunha estava, segundo escreveu a um amigo, “à margem de um rio odiento, diante do espantoso de uma ponte desmantelada, ouvindo a orquestra selvagem e arrepiadora das marretas e dos malhos”⁷⁵. Na cabaninha à margem do Rio Pardo, as páginas em branco que olhava na fazenda do pai estavam ganhando escritos, era o seu “decantado livro, feito em quartos de hora, através das perturbações de outros trabalhos”⁷⁶, em meio àquela agitação do barulho da construção, das conversas dos engenheiros, das leituras das fontes, a pena ia sendo usada e *Os Sertões* construindo-se.

⁷⁵GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a um amigo. 24 de março de 1898. (São José do Rio Pardo). p. 113.

⁷⁶GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat. 09 de setembro de 1899 (São José do Rio Pardo). p. 116.

Os dias passavam e o escritor voltava sua atenção para assuntos literários, Euclides da Cunha publicou por meio de *O Estado de S. Paulo* três artigos, sob o título *Brasil Mental*⁷⁷, criticava um novo livro publicado, cujo título também era *Brasil Mental*. Mas, ele não era um nobre conhecedor em assuntos literários, era “um atrasadão em matéria da literatura portuguesa, para não falarmos na brasileira, que ainda não lhe interessava o bastante” (ANDRADE, 1960, p. 170). Valdomiro Silveira em discurso na Assembleia legislativa de São Paulo afirmou este fato de que Euclides da Cunha não tinha estudos sobre a literatura, recordava-se de quando esteve com o escritor em São José do Rio Pardo e durante a conversa a respeito dos prosadores portugueses espantou-se pelo fato de que Euclides da Cunha nunca tinha lido nenhum deles, para suprir essa necessidade o escritor dedicou-se também em São José do Rio Pardo ao estudo dos clássicos portugueses.⁷⁸

Contando com a solicitude de Escobar, amigo e engenheiro que fazia parte da comitiva de Euclides da Cunha para a reconstrução da ponte, obteve documentos para o bom andamento de seu livro, e outras pessoas lhe forneceram a correspondência de Canudos que enviara para *O Estado de S. Paulo* e que o mesmo não tinha em posse. O escritor lia e debatia com os amigos engenheiros acerca das leituras que estava fazendo (Andrade, 1960).

O processo de escrita é solitário, por mais que Euclides da Cunha tenha tido amigos com quem conversava a respeito do que escrevia, nada exclui o fato de que quando o escritor estava a sós com sua pena a solidão desse processo o desanimava. Como escreveu Alberto de Venâncio Filho

Quantas vezes, em meio de um trabalho, a fadiga, a ausência de urna informação, a fuga de uma palavra ou de expressão necessária levam ao desânimo, ao desgosto e desagrado do já feito. E quando intervém a palavra lúcida, de estímulo, de assistência, de carinho, amor ou da amizade. E foi este o papel incomparável de Escobar. (FILHO, 1940, p. 35)

Daí a importância que Escobar teve para a vida Euclides da Cunha e também para a execução de *Os Sertões*.

Em setembro de 1899, dois anos após o fim do conflito, estava pronta a primeira versão do livro, como mencionou a Porchat, o que restava agora era revisá-lo e escrever mais linhas⁷⁹.

⁷⁷Acervo Digital de O Estadão. “O ‘Brasil Mental’ ”. *O Estado de S. Paulo* (SP) 10, 11 e 12 de julho de 1898. n. 7173, 7174, 7175, p. 01.

⁷⁸Acervo Digital de O Estadão.. “Assembleia Legislativa do estado de São Paulo: tocante e espontânea homenagem a Euclides da Cunha- palavras dos srs. Campos Vergal, Valdomiro Silveira, padre Abreu e João Carlos Fairbanks- Pedido de licença para processar um deputado. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo) 16 de agosto de 1935. n. 20194, p. 04.

⁷⁹ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat. 09 de setembro de 1899 (São José do Rio Pardo). p. 117..

Aquela maçante carreira, termo que por diversas vezes utilizava em correspondência com seus amigos, o afastava de sua ocupação mais atraente, e esse era o motivo pelo qual o seu livro acerca da luta nos sertões ainda não estava totalmente concluído⁸⁰. Foi nas horas vagas que Euclides da Cunha produziu seu livro, nos seus raros intervalos de folga da carreira que ele considerava fatigante.

O engenheiro permaneceu em São José do Rio Pardo até maio de 1901, quando a ponte sobre o rio foi inaugurada⁸¹, o que totalizava três anos de trabalho, período em que se dedicou tanto à engenharia em meio a réguas, esquadros e trenas, quanto à vida de escritor, dando forma a *Os Sertões*, desenvolvendo “a terra”, “o homem” e “a luta”.

Quando esteve em São Paulo deixou *Os Sertões* em *O Estado de S. Paulo* com a finalidade de publicá-lo no jornal, meses depois retornava ao jornal e encontrava no canto o seu maço de papel completamente empoeirado. Estava Euclides da Cunha outra vez à procura de quem o publicasse, afinal um trabalho como aquele merecia pelo menos alguns réis. *O Jornal do Commercio* também recusou o livro, e então Lúcio Mendonça, amigo de longas datas o apresentou à Laemmert, e o editor concordou em publicá-lo (Correia, 2002). O escritor acreditava que o contrato que firmara com a editora havia sido desvantajoso, pois consistia em dividir pela metade os lucros da publicação, além dos custos da impressão⁸² que tirou do próprio bolso. Em carta a seu amigo Escobar, datada de Lorena, 21 de abril de 1902, onde cumpria seu ofício de engenheiro, o escritor disse “serei um vingador e terei desempenhado um grande papel na vida — o advogado dos pobres sertanejos assassinados por uma sociedade pulha, covarde e sanguinária”⁸³. Euclides da Cunha sentia-se, sobretudo, enjoado pela ação do exército cinco anos atrás diante dos canudenses, aquilo foi um crime que merecia ser vingado pelo menos pela escrita fazendo com que o país soubesse o que se passou no interior da Bahia.

Em outubro do ano corrente, o escritor esteve em São Paulo e abrindo o seu livro os olhos pousam em cada erro gramatical, à Escobar, Euclides da Cunha lamenta os vários descuidos em relação a gramática empregada em *Os Sertões*, “em cada página meu olhar fisga um erro, um acento importuno, uma vírgula vagabunda, um (;) impertinente... Um horror!

⁸⁰GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Pethion de Villar. 15 de maio de 1900. (São José do Rio Pardo). p. 118.

⁸¹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao Sr. Presidente e demais membros da câmara municipal de São José do Rio Pardo. 17 de maio de 1901. (São José do Rio Pardo). p. 124.

⁸²GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Escobar. 25 de dezembro de 1901 (Lorena- SP). p. 128.

⁸³GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Escobar. 21 de abril de 1902 (Lorena-SP). p. 132.

Quem sabe se isto não irá destruir todo o valor daquele pobre e estremecido livro?”⁸⁴ e de página em página, à ponta de canivete, o escritor corrigiu os erros que encontrava no caminho (Correia, 2002).

Um excerto do livro já havia sido publicado em *O Estado de S. Paulo* em 1898, era uma parte referente ao “Homem”, foi publicado sob o título “excerto de um livro inédito”⁸⁵, assinado pelo autor ao final do texto de três colunas. Assim, a sociedade já havia provado do sabor do que seria a leitura de *Os Sertões*, mas os anos passaram e o livro inédito de Euclides da Cunha nunca tinha sido publicado.

E quando o livro seria lançado? correram boatos acerca disso, *Os Sertões* era esperado pela sociedade

Por volta dos primeiros dias de dezembro começou a circular um boato, sem origem e sem forma, como são os boatos, com todas as rodas, nas portas das livrarias, nos cafés, nos encontros de rua, por toda a parte, de que em breve apareceria um livro, libelo sobre a campanha de Canudos de autoria de um ex-oficial do exército, testemunha ocular (FILHO, 1940, p. 03)

Ao que tudo indica o livro foi publicado em fins de novembro, pois em uma carta ao caxiense Coelho Neto em 3 de dezembro, Euclides da Cunha anuncia ao amigo que neste dia seria lançado por José Veríssimo no *Correio da Manhã* um artigo referente à *Os Sertões*⁸⁶, foi a primeira crítica que o livro recebeu. Escragnolle Doria, contemporâneo de Euclides da Cunha, em uma conferência realizada em 20 de janeiro de 1915 na Biblioteca Nacional, afirmou que “o livro entrou a ter procura fulminante. Correu o país, em centenas de exemplares.” (*IN MEMORIAN*, 1919, p. 46). O escritor que no dia que se deu a publicação do livro estava em viagem pelo interior de São Paulo, não pôde acompanhar de perto a recepção de *Os Sertões* pela sociedade, confessou a Viriato Correia que quando olhou sua correspondência havia duas cartas do editor, começou pela segunda, que dizia que o livro era um sucesso, e que um milheiro dele já estava esgotado. Já a outra missiva expressava a decepção do editor em ter publicado o livro, e tendo ciência disso posteriormente o escritor declarou que “se eu tivesse lido essa carta em primeiro lugar, parece que morreria” (CORREIA, 2002, p. 226).

⁸⁴GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Escobar. 19 de outubro de 1902 (Lorena-SP). p. 141.

⁸⁵Acervo Digital de O Estadão. “Excerto de um livro inédito”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 19 de janeiro de 1898, n. 7003, p. 01.

⁸⁶GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Coelho Neto. 03 de dezembro de 1902 (Lorena-SP). p. 142.

A Primeira edição de *Os Sertões* estava esgotada em apenas dois meses de publicação e a Laemmert escrevia a Euclides da Cunha acerca da segunda edição do livro, o escritor em carta ao pai afirma que a segunda edição seria melhor, sairia livre de erros de revisão que houve na primeira⁸⁷, ao total foram postos no mercado em três anos e meio, seis mil exemplares, alçando a obra ao patamar de grande sucesso editorial daquele tempo (Andrade, 1960). Euclides da Cunha sentia-se triunfante, era um escritor transitoriamente desgarrado da engenharia⁸⁸, publicou um livro com a alma de um poeta que sente o que escreve, tudo o que viu nos sertões da Bahia não poderia ficar restrito apenas a telegramas e artigos, permitiu-se captar cada ato, imagem e som, teve um olhar minucioso para tudo ao seu redor e o novo lançamento passou a ser comentado nas rodas de conversa.

3.3 A Narrativa de *Os Sertões*

As narrativas durante a história da humanidade mudam e misturam-se com outros gêneros tornando-se híbridas em sua escrita, uma série de indagações são feitas sobre como seria possível combinar modalidades discursivas de formatos tão diversos (Lima, 2006). O que há são cruzamentos, até onde um texto deixa de ser puramente de um gênero e se encontra com outro e assim ambos formam uma dupla, como por exemplo história e literatura, sobretudo, híbridas. Uma obra de caráter histórico-literário pode-se apresentar em forma de discurso narrativo cuja maior preocupação será interpretar os acontecimentos, com personagens reais que fixaram-se na linha do tempo e imortalizaram-se por meio da literatura.

Em uma obra histórica-literária o escritor narra os fatos buscando sempre uma fluência literária e define o modo explicativo que será usado para a elaboração da mesma. Hayden White (2019) afirma que há modos pelos quais os historiadores podem alcançar diferentes tipos de impressão explicativa em suas argumentações, dos modos que o autor apresenta a explicação por elaboração de enredo é a que se faz presente na obra analisada neste trabalho, *Os Sertões*. O livro é um grande exemplo de hibridismo. Para além dos artigos publicados no jornal *O Estado São Paulo*, *Os Sertões* tornou-se a maior carta sobre o Brasil, uma crônica que poderá ser lida daqui há mil anos (Olinto, 2008). A obra, que em sua primeira forma foi jornalística, para Walnice Nogueira Galvão (2009) teve seu o embrião nas reportagens que foram enviadas

⁸⁷GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao pai. 19 de fevereiro de 1903 (Lorena-SP). p. 148.

⁸⁸GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Araripe Júnior. 09 de março 1903 (Lorena-SP). p. 151.

para *O Estado de S. Paulo*, contudo, o tom do autor mudaria ao escrever o livro. A obra entrou para o cânone da literatura brasileira.

Euclides da Cunha buscou explicar o sertão da Bahia interpretando-o, descrevendo a terra e o homem verbalmente, preocupando-se em criar o cenário em que se daria o conflito, a terra foi apresentada ao leitor de uma maneira que ele pudesse ser levado para o cenário através da imaginação. Depois de posicionar o leitor no ambiente da guerra o escritor passou a apresentar os actantes da narrativa, como pontuou o que Walnice Nogueira Galvão (2009), apesar de o tratarmos como personagens, de acordo com a autora o termo não se enquadra já que não diálogos entre os mesmos. Os actantes da narrativa são, sobretudo, responsáveis pela ação do texto, o participante, mas não necessariamente personagens, é o sertanejo, os soldados, o conselheiro que vão executar a narrativa de Euclides da Cunha.

O escritor deu ênfase ao dizer que “o sertanejo é antes de tudo um forte” mas que a sua aparência revelava o contrário, “desarticulado”, “preguiçoso”, dando pausas no trabalho para tagarelar com os conhecidos (CUNHA, 1975, p. 92), conceitua o sertanejo com um jogo de antíteses, e assim apresenta todos os que participarão do conflito, o autor de *Os Sertões*, sobre todos os efeitos, elaborou o enredo do maior drama da história sertaneja brasileira.

Nas páginas de *Os Sertões*, Euclides da Cunha fez uso de figuras de linguagem, que foram fundamentais para a construção do texto, Para Galvão (2009) a “terra” em *Os Sertões* é constituída principalmente por prosopopeia e antropomorfização dos elementos da natureza que passam a exprimir sentimentos. É, sobretudo, a aplicação de características e ações humanas a seres inanimados.

Grande parte da eficácia literária desse início decorre da figura da prosopopeia, ou a busca do efeito de dotar de vida, de vontade própria e de movimento aquilo que é inerte e inorgânico, narrando-o como um sujeito vinculado a um verbo e ação (GALVÃO, 2009, p. 40)

Bosi (2015) pondera que o uso de tais instrumentos de linguagem em um texto exprimem sentimentos, ajudam a representar objetos e construir um efeito semântico. Tal efeito colabora para que a mente do leitor esteja aberta para a imaginação da cena por meio das palavras do escritor, seus olhos, a partir de “A Terra” vão descortinando o sertão baiano e conhecendo o ambiente em que se passará a guerra, o autor usa uma linguagem científica, cheia de metáforas e hipérboles.

Na primeira parte de *Os Sertões*, mais que o cenário do conflito, a natureza apresentada é desenvolvida com ação, ela se mostra em constante movimento, ela “arma”, “sobe”, “desce”,

“aparece” “desaparece”, “decae”, “desenterra”, “rasga”, “atravessa”, “faz-se”, “desfaz-se” “salta” “transmuda-se”, entre outras ações que demonstram que ela é viva e ativa, assim Euclides da Cunha segue verbalizando cada direção que as serras e montanhas tomam, fazendo com que o leitor não apenas absorva informação mas que ele contemple por meio da mente o sertão baiano.

As páginas de *Os Sertões* são cheias de figuras de linguagem do início ao fim, quando aborda a terra utiliza por diversas vezes a prosopopeia, um exemplo é quando o autor aplica um sentimento humano em uma das passagens quando escreve sobre a região do S. Francisco “esta é mais *deprimida*⁸⁹ e mais revolta”. Em outro momento, escrevendo acerca dos mandacarus, aplicou-lhes a tristeza. A medida que o leitor percorre as páginas da obra, mais figuras de linguagem aparecerem, Euclides da Cunha utilizou-se de ironia quando foi apresentar Canudos ao leitor, “o sol poente desatava, longa, a sua sombra pelo chão, e protegido por ela — braços largamente abertos, face volvida para os céus — um soldado descansava. Descansava... havia três meses” (CUNHA, 1975, p. 31). Euclides da Cunha não só aplicava vida em seres inanimados, por ironia, aplicava também naqueles cujo fôlego nem sequer existia.

Roberto Ventura (1997, p.178) afirma que Euclides da Cunha deu “um arranjo poético ao conflito, criando uma obra híbrida entre a narrativa e o ensaio, entre a história e a literatura”. A história, segundo Ventura (2002) trata de acontecimentos reais, que podem ser comprovados por documentos ou testemunhos. *Os Sertões* obteve a “proximidade da escrita da história com os modos literários de narrar” (VENTURA, 2002, p. 22). Para Oliveira (2018), *Os Sertões* pode ser entendido como uma obra de caráter polifônico, ou seja, que apresenta várias vozes, quando o engenheiro voltou da guerra e se pôs a escrever o livro ele não se prendeu apenas em suas memórias, buscou acima de tudo uma vasta bibliografia para a construção de sua obra.

De acordo com Walnice Nogueira Galvão (2009) o suporte do polifonismo em *Os Sertões* se encontra na intertextualidade em que foi construída o livro.

Nas duas primeiras partes, a intertextualidade lança mão predominantemente de textos científicos e históricos. Na terceira parte, que é crônica de guerra, a que Euclides presenciou fazendo anotações em sua caderneta de campo e escrevendo reportagens (GALVÃO, 2009, p. 37)

Se atentarmos para a correspondência com os amigos, veremos que Euclides da Cunha já buscava desde cedo documentos referentes aos sertões. Certa vez, em 1895, fez um pedido à

⁸⁹ Grifo meu.

Porchat, “não terás por aí qualquer folheto, qualquer velho alfarrábio, que trate da época colonial, de 1640 até 1715, qualquer coisa sobre a antiga, princípios de S. Paulo, excursões de *bandeirantes* etc.?”⁹⁰

3.4 A imprensa e *Os Sertões*

A imprensa deu um lugar nas páginas dos periódicos para a divulgação e as críticas que viriam de *Os Sertões*, em sua correspondência com seus amigos Euclides da Cunha se mostrou cheio medo e anseios acerca da publicação do livro e principalmente das críticas que viriam após a publicação, sentiu-se acuado e sem nem ao menos saber como reagiria, acreditava que se o presente não aceitasse seu livro, se consolaria pelo fato de ter feito seu papel de vingador dos sertanejos.⁹¹

Como já sumarizado anteriormente, a primeira crítica foi escrita por José Veríssimo e publicada no *Correio da Manhã* em 3 de dezembro de 1902, nela o crítico afirmou que Euclides da Cunha soube trazer ao leitor a veracidade dos fatos ocorridos em Canudos, como um observador criterioso e testemunha ocular dos últimos momentos da guerra. Em seu artigo de três colunas e meia parabenizou o escritor pela sua obra, mas pontuou ainda que Euclides da Cunha abusou de termos técnicos, afirmando que *Os Sertões* foi um livro que lhe deu “a impressão da maior sinceridade aliada a nobres e generosos sentimentos”⁹². Euclides da Cunha agradeceu o autor pela crítica e afirmou ter colhido ensinamentos proveitosos da leitura, e comentou que Verissimo não foi justo quando este criticou os termos técnicos empregados por ele⁹³. *O Estado de S. Paulo* (SP) pediu ao *Correio da Manhã* (RJ) para transcrever o artigo de José Veríssimo, e assim o fez em 5 de dezembro do ano em curso⁹⁴.

A *Gazeta de Notícias* (RJ) ao apresentar o livro aos leitores, lembrou que o escritor de *Os Sertões* era o jovem cadete que em 1888 se revoltou na Escola Militar da Praia Vermelha⁹⁵. O *Diário de Pernambuco* (PE) escreveu que as páginas de *Os Sertões* “leem-se

⁹⁰ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Porchat, Belém do Descalvado, 15 de maio de 1895.

⁹¹ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Coelho Neto, 03 de dezembro de 1902 (Lorena-SP). p. 142

⁹² HDBN. “Uma história do Sertões e da Campanha de Canudos”. *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) 03 de dezembro de 1902. n. 00538, p. 01.

⁹³ GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a José Veríssimo. 03 de dezembro de 1902 (Lorena-SP). p. 143.

⁹⁴ Acervo Digital de O Estadão. “Uma história do Sertões e da Campanha de Canudos”. *O Estado de S. Paulo* (São Paulo), 05 de dezembro de 1902. 08778, p. 01.

⁹⁵ HDBN. “Um livro!”. *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro) 14 de dezembro de 1902. n. 00348. p. 01.

febrilmente com tristeza ou indignação, mas leem-se de um jacto. A gente sente, vê, ouve”⁹⁶, era o livro vingador que saía das prateleiras das livrarias para as mãos dos leitores trazendo à tona os dias apocalípticos que o interior da Bahia viveu.

O livro foi tido como o mais completo sobre as lutas que se deram em Canudos, Euclides da Cunha foi um observador criterioso, que se aprofundou em descrever a terra e o seu povoamento, recorrendo por diversas vezes aos cronistas.

A parte histórica e descritiva revela aprofundadas investigações, conhecimentos exactos de tudo que se tem vulgarizado sobre o povoamento do Brazil, desde os chronistas do século XVI envereda com segurança pelo caminho da sociologia e dos conhecimentos ethnographicos, procurando a explicação lógica e racional de cada facto decorrido (JUÍZOS CRÍTICOS, 1903, p. 02).

Os Sertões foi considerado um livro superior a qualquer outro, era sobretudo admirável pelos modos narrativos do autor ao descrever os acontecimentos, a crítica publicada pela *A notícia* afirmou que o livro “se lê, com o encanto de quem devora as folhas de um romance” (*idem*, 1903, p. 15) que infelizmente foi real, e assim *Os Sertões* convidou os leitores a lerem cada vez mais suas páginas.

Como se sabe, o livro foi um sucesso. Entre fevereiro e março de 1903 escreveu a Araripe Júnior sobre as suas expectativas e sentimentos pelas críticas recebidas⁹⁷. O crítico e amigo de Euclides da Cunha afirmou em resenha publicada por o *Jornal do Comércio* em fevereiro de 1903 e que está disposta em *Juízos Críticos* (1903) que *Os Sertões* o encontrou em um dos seus piores estados de saúde, em um momento em que já estava enfadado de ler as narrações da guerra, no entanto, ao começar a ler a obra foi dominado por sensações de quem percorre o ambiente, o corpo e a alma de Araripe Júnior estavam em lugares diferentes, sua imaginação direcionada pela escrita de Euclides da Cunha o levava para os sertões da Bahia e o fazia sentir emoções indizíveis.

Dando continuidade às críticas, o escritor caxiense, Coelho Neto considerou a obra de seu amigo como um livro vivo e que acima de tudo havia nele uma alma com faculdades essenciais de raciocínio, o livro de seu futuro colega da Academia Brasileira de Letras fazia parte dos livros que agem, pensam e traduzem aos leitores seus pensamentos.

⁹⁶HDBN. “Os sertões por Euclides da Cunha. *Diário de Pernambuco* (Pernambuco) 24 de dezembro de 1902. n. 00292, p. 01.

⁹⁷GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Cartas a Araripe Júnior. 27 de fevereiro, 09 e 12 de março de 1903 (Lorena-SP). p. 151,153,154.

...trilha as requeimadas estradas, apúa-se nos espinhaes dos caminhos, alcandora-se aos montes seccos, de fulgurantes e soltos pedrouços, ladeia as ipueiras rasas, de bordas fundamente gretadas, escalda aò sol, erra, sangrando e suando, nos meandros pérfidos das caatingas e offega seguindo aqueles períodos onde as letras parecem secos, encarvoados e retorcidos restolhos e os brancos espaços estreitos lembram veredas alvadias, de tostadas areias, cortando mattos rasos, entanguidos, silentes, sob a refulgência canicular do sol.⁹⁸

Ao escrever sua crítica, Coelho Neto afirmou que a linguagem de Euclides da Cunha de maneira alguma não passou despercebida, alguns críticos consideraram ousada a linguagem do escritor com vocábulos arcaicos e cheio de neologismos, no entanto, o crítico pontuou que essa escrita que caracterizou *Os Sertões* trouxe uma ornamentação verbal para a obra.

Os jornais engrandeceram *Os Sertões* de tal forma que o nome do escritor passou a se confundir com a obra, uma metonímia, substituindo o autor pela obra. Foi uma verdadeira propaganda. O livro fervilhou-se no país inteiro. Aos 31 anos de idade o escritor presenciou o que consideramos o maior derramamento de sangue da história do Brasil, um verdadeiro assassinato em massa comandado pela corporação a qual dedicou sua mocidade. Para quem acompanhou a vida do ex-aluno da Praia Vermelha consegue entender a personalidade do escritor, as inquietudes psicológicas vividas no decorrer dos anos, tudo isso intensificado na guerra que o escritor interpretou, documentou e narrou.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁹⁸Acervo Digital de O Estadão. “Os Sertões (Campanha de Canudos — EUCLYDES DA CUNHA, Laemmert & C. — Livreiros editores — Rio de Janeiro, 1902)”. *O Estado de S. Paulo*(SP). 01 de janeiro de 1903. n. 8799, p. 01.

Corria o ano de 1903 e Euclides da Cunha participou da eleição para sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Em março daquele ano, respondendo uma carta de João Ribeiro, quando este o chamou de “futuro colega da Academia”, Euclides da Cunha escrevia “penso que a academia não ganhará grande coisa com a minha entrada”⁹⁹, no entanto, seria contrariado pelo tempo.

A partir da publicação do livro *Os Sertões* e da grande repercussão registrada, Euclides da Cunha passou a ser visto como uma espécie de símbolo de um Brasil novo. Só faltava mesmo a eleição para a Academia Brasileira de Letras, o que acabou ocorrendo. (Niskier, 2009 p. 18)

O sucesso do livro abriu portas para Euclides da Cunha, principalmente as da ABL, no entanto, a campanha veio acompanhada de uma série de inquietações. O escritor de *Os Sertões* não se julgava capaz para a posição de membro da Academia Brasileira de Letras¹⁰⁰. Escreveu ao pai acreditando em sua derrota na eleição, via, sobretudo, os seus oponentes mais fortes do que ele¹⁰¹. Quando por fim resolveu dar início a sua candidatura, escreveu a José Veríssimo, o responsável pela primeira crítica de *Os Sertões* e a quem Euclides da Cunha devia, segundo ele, favor, pelo fato de Veríssimo ter apresentado seu nome à Academia Brasileira de Letras. Comunicou a sua decisão a Veríssimo antes mesmo de Machado de Assis, o presidente da Academia¹⁰².

Era 21 de junho de 1903, o escritor de *Os Sertões* solicitava de Lorena (SP), distrito em que se encontrava, a sua inclusão à vaga para a candidatura na Academia à Machado de Assis¹⁰³. Temia a derrota, mas pelo menos contaria com o amparo dos amigos nesse momento¹⁰⁴. Entretanto, a candidatura natimorta e sem sucesso que Euclides da Cunha imaginou não prevaleceu, e observando que sua campanha estava forte escrevia aos acadêmicos, a fim de contar com os votos dos mesmos¹⁰⁵, e quando os votos destes foram confirmados, o ex-aluno

⁹⁹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao Dr. João Ribeiro. 16 de março 1903 (Lorena-SP). p. 157.

¹⁰⁰GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao Dr. Araripe Júnior. 30 de março 1903 (Lorena-SP). p. 159.

¹⁰¹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao Pai. 12 de junho de 1903 (Lorena-SP). p. 165.

¹⁰²GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a José Veríssimo. 12 de junho de 1903 (Lorena-SP). p. 166.

¹⁰³GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Machado de Assis. 21 de junho de 1903 (Lorena-SP). p. 169.

¹⁰⁴GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Lúcio Mendonça. 20 de junho de 1903 (Lorena-SP). 168.

¹⁰⁵GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a José Veríssimo. 04 de julho de 1903 (São Paulo). p. 169.

da Praia Vermelha afirmava “é inevitável a vitória”¹⁰⁶. Não tardou e em 21 de setembro do ano corrente Euclides da Cunha foi eleito. Passou a ocupar a cadeira do falecido Valentim Magalhães¹⁰⁷, aquela de número 7 cujo patrono era Castro Alves.

Decorridos alguns dias, o escritor e agora membro da ABL, tomou posse de seu lugar também no IHGB, era apresentado como digno de todo merecimento de fazer parte do instituto, e que o seu trabalho histórico serviu de título de habilitação a sua entrada à corporação¹⁰⁸. Findadas as apresentações o novo membro discursou, mostrando seu desencanto com a República. Escreveu a Coelho Neto dizendo que os jornais não transcreveram seu discurso como foi feito com a resposta que lhe fora dada por Manuel Correia, “eu feri o presente abominável em que estamos”¹⁰⁹, mais que um discurso era o seu desabafo perante ao Brasil, como afirmou em carta a Escobar¹¹⁰.

A engenharia tomava muito tempo da vida do escritor obrigando-o a estar sempre em viagens, desta vez em Santos, trabalhando na Comissão de Saneamento da cidade, tratava com Machado de Assis acerca de sua posse¹¹¹. O ano de 1904 dava largada e Euclides da Cunha ainda não tinha tomado posse da cadeira na ABL. Somente após a sua volta de uma expedição ao Alto Purus¹¹² é que o escritor tomou posse da cadeira de número 7.

Os jornais publicaram considerações acerca de *Os Sertões* dia após dia e mesmo quando o livro deixou de ser comentado com frequência sempre tinha alguém que o trazia de volta, a imortalidade de seu escritor concedida pela Academia Brasileira de Letras e a “canonização” da obra contribuiu para que esta não caísse no esquecimento.

Nesse meio tempo, enquanto gozava da atenção de intelectuais e da opinião pública nacional, uma tragédia pessoal foi sendo desenhada na vida do autor. O romance de Ana, esposa de Euclides da Cunha, e Dilermando de Assis, um aspirante militar, iniciado quando o engenheiro estava na expedição ao Alto Purus, foi o catalizador do acontecimento fatal. É válido observar na correspondência de Euclides da Cunha que o escritor e sua esposa não trocavam

¹⁰⁶GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Escobar. 22 de agosto de 1903 (Lorena-SP). p. 177.

¹⁰⁷GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao Dr. Oliveira Lima. 09 de junho de 1903 (Lorena-SP). p.171

¹⁰⁸Revista Trimensal do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1905. Tomo LXVI; p. 289-292

¹⁰⁹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Coelho Neto. 22 de novembro de 1903 (Lorena-SP). p. 190.

¹¹⁰GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Escobar. 27 de novembro de 1903 (Lorena-SP). p. 191.

¹¹¹GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Machado de Assis. 15 de fevereiro, 05 de março de 1904. (Santos-SP). p. 197.

¹¹² Foi uma expedição que Euclides da Cunha comandou para o reconhecimento do Rio Purus em 1904.

cartas. Dilermando de Assis afirmou que “a esposa de Euclides foi vítima do temperamento anormal do marido” e nunca deixou nada a desejar quanto aos cuidados com a família¹¹³. De seu romance com o cadete, Ana concebeu dois filhos. Em julho de 1906, Euclides da Cunha escreveu ao pai que “felizmente Saninha está restabelecendo-se, embora lentamente, e julgo passado o perigo”¹¹⁴, isso nos permite acreditar que o casal estava a morar sobre o mesmo teto. O escritor tentou abafar o caso de sua esposa, tanto que em carta a Henrique Coelho, afirma que a mesma esteve doente em decorrência de um parto prematuro¹¹⁵, fazendo desse modo acreditarem que filho seria dele, pois teria nascido de sete meses.

Enquanto essas coisas se passavam no Rio, Dilermando estava em Porto Alegre, para onde se havia transferido a Escola Militar. Nas férias, em 1907, retorna ao Rio e se encontra com Ana, que o leva ao cemitério, onde o faz prometer, junto ao túmulo do pequeno, que teriam outro filho, para substituir o menino morto. E assim é feito. De volta a Porto Alegre, tempos mais tarde, recebe o cadete a participação do nascimento de Luís, também seu filho (CAVALCANTI, 2010, p. 199)

O desenrolar do caso se daria de forma trágica, o engenheiro, escritor e jornalista, Euclides da Cunha protagonizava a tragédia da piedade, como ficou conhecido o ocorrido. Tinha ido ao encontro com a esposa e seu amante, disposto a matar ou a morrer¹¹⁶, estava armado de um revólver Smith & Wesson calibre 22 e teria sido o primeiro a atirar ferindo o irmão de Dilermando, e este, munido de um revólver do mesmo fabricante de calibre 38¹¹⁷, atingiu o escritor em um tiro mortal. Às dez da manhã de um domingo uma bala interrompeu a vida do escritor¹¹⁸. Em 15 de agosto, o bairro de Piedade do Rio de Janeiro assistia à morte do autor de *Os Sertões*. Naquela manhã, Coelho Netto, amigo e colega de Euclides da Cunha na Academia Brasileira de Letras, recebeu este telegrama “Euclides gravemente ferido, traga Afrânio”. Não encontrando o médico, seguiu para a piedade sem noção da gravidade do acontecimento (POR PROTESTO E ADORAÇÃO, 1919, p. 99). Quando Afrânio Peixoto chegou comprovou a morte, que se deu em decorrência de uma “hemorragia do pulmão devido

¹¹³Francisco de Assis Barbosa. “Euclides da Cunha não foi assassinado: o depoimento histórico do coronel Dilermando de Assis em entrevista exclusiva a Diretrizes”. *Diretrizes ano IV* (Rio de Janeiro). 06 de novembro de 1941. n. 72. p. 02.

¹¹⁴GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta ao pai. 24 de julho de 1906 (Rio de Janeiro). p. 310.

¹¹⁵GALVÃO, Walnice Nogueira; GALOTTI, Oswaldo (orgs.). **Correspondência de Euclides da Cunha**. São Paulo: EDUSP, 1997. Carta a Henrique Coelho. 30 de julho de 1906 (Rio de Janeiro). p. 311.

¹¹⁶*Idem*

¹¹⁷Museu da Justiça – Centro Cultural do Poder Judiciário. Auto processual do homicídio de Euclides da Cunha.

¹¹⁸Museu da Justiça – Centro Cultural do Poder Judiciário. Inventário de Euclides da Cunha/ Livro de registro de óbitos da 4. Pretoria, fl. 8ª Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1909. p.13.

a ferimento por bala de fogo”¹¹⁹, encerrava-se ali a trajetória de uma vida sofrida e ao mesmo tempo vitoriosa pelo fato de ter seu nome eternizado na literatura brasileira.

Na redação dos jornais chegava a informação “Euclides da Cunha foi assassinado!”¹²⁰, a imprensa nacional tratou de noticiar a morte do escritor e os personagens que fizeram parte deste sangrento acontecimento. A *Gazeta de Notícias* escreveu sobre o que considerou grande a perda para as letras brasileiras¹²¹. Para o *Correio da Manhã*, o Brasil estremeceu de dor diante da tragédia¹²². A *Notícia* lamentava o acontecimento e iniciava a sua matéria como Euclides “o escritor”¹²³. O *Estado de S. Paulo*, jornal com o qual Euclides da Cunha manteve colaboração durante idas e vindas por muitos anos de sua vida, nas primeiras linhas da matéria *Euclides da Cunha*, escreveu “nunca uma matéria nos pareceu tão inverossímil, como o assassinato de Euclides da Cunha”¹²⁴.

Uma vida finda de maneira trágica, morreu aos 43 anos de idade, muitos ainda tentam compreender o gênio de Euclides da Cunha, explosivo, inquieto, angustiado, percebe-se bem essa parte de sua personalidade quando lemos sua correspondência, pois ali não temos apenas o Euclides da Cunha engenheiro e escritor, temos o Euclides da Cunha amigo, que desabafa com os seus companheiros de vida, e essa parte mais pessoal da vida do autor pode ser notada principalmente nas cartas que escreveu à Escobar, Porchat e João Luís Alves.

Traçar o percurso de vida do escritor entrelaçado à obra *Os Sertões* foi, sobretudo, uma viagem no tempo e nas ideias, na qual pude encontrar obras raras que enriqueceram este trabalho. Construída com o mais nobre esforço, esta monografia procurou atender todos os objetivos traçados. *Os Sertões*, é um livro vasto em conhecimento e que vai muito além de história, jornalismo e literatura, ele é um livro científico, religioso, sociológico, entre outros. É um livro indispensável para se pensar o Brasil e os sertões da história da formação de seu povo.

REFERÊNCIAS

¹¹⁹Museu da Justiça – Centro Cultural do Poder Judiciário. Inventário de Euclides da Cunha/ Livro de registro de óbitos da 4. Pretoria, fl. 8ª Rio de Janeiro, 15 de agosto de 1909. p.13.

¹²⁰HDBN “A dolorosa Tragédia de Hontem”. *Gazeta de Notícias* (Rio de Janeiro) 16 de agosto de 1909. n. 00228, p. 01.

¹²¹*Idem*.

¹²²HDBN. “A tragédia de hontem”. *Correio da Manhã* (Rio de Janeiro) 16 de agosto de 1909. n. 02952, p. 01.

¹²³HDBN. “Uma Tragédia”. *A Notícia* (Rio de Janeiro) 16 de agosto de 1909. n. 00188, p. 01. In: HDBN.

¹²⁴HDBN. “Euclides da Cunha”. *O Estado de S. Paulo (São Paulo)* 16 de agosto de 1909. n. 11206, p. 01.

- ANDRADE, de Souza Olimpio. **História e interpretação de “Os sertões”**. Edart: São Paulo, 1960.
- ATAÍDE, Yara Dulce Bandeira de. **As origens do povo do Bom Jesus Conselheiro**. São Paulo: Revista USP, Dossiê Canudos, n.20, pp. 89-99, dez/1993-fev/1994.
- BARBOSA, Francisco de Assis. **Euclides da Cunha: A marca de um drama**. São Paulo: Revista USP, 2002. p. 38-51.
- BOSI, Alfredo. **Entre a Literatura e a História**. — 2ª ed.— São Paulo: Editora 34, 2015.
- CALASANS, José. **Canudos – origem e desenvolvimento de um arraial messiânico**. São Paulo: Revista USP, 54, p. 72-81, junho/agosto 2002.
- CASTRO, Celso. **Os militares e a República: Um estudo sobre cultura e ação política**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.
- COSTA, Carla. **Cronologia resumida da Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2017.
- CARVALHO, José Murilo. **Euclides da Cunha e o exército**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira Fase VII Abril-Maio-Junho 2010 Ano XVI N. 63, 2010. p. 133-158
- CARVALHO, Ronald de. **A Literatura No Brasil — As Escolas Literárias E As Influências Européias**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores, 1937. In: CARVALHO Ronald de. **Pequena História Da Literatura Brasileira**. Rio de Janeiro: F. Briguiet & Cia Editores, 1937.
- CAVALCANTI, Dirce de Assis. **Dilermando de Assis: a força do destino**. Rio de Janeiro: Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro jan/mar, 2010. p.195-212.
- COSTA, Carla. **Cronologia resumida da Guerra de Canudos**. Rio de Janeiro: Museu da República, 2017.
- COSTA, Cristiane. **Pena de Aluguel**. São Paulo: Schwarcz Ltda, 2005.
- CORREIA, Viriato. **Uma entrevista com Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira Fase VII Janeiro-Fevereiro-Março 2002 Ano VIII N. 30, 2002. p. 219-226.
- COUTINHO, Afrânio. **Literatura e Jornalismo**. São Paulo: Global, 1997. In:COUTINHO, Afrânio. **A Literatura no Brasil**. — 4º ed. — São Paulo: Global, 1997.
- CUNHA, Euclides da. **Os Sertões**. São Paulo: Círculo do Livro, 1975.
- CUNHA, Euclides da. **Caderneta de campo / Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2009.
- CUNHA, Euclides da. **Contraste e Confrontos**. Rio de Janeiro: Record, 1975.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira S. A, 1965.

FILHO, Alberto Venâncio. **A Glória de Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1940

FREYRE, Gilberto. **Perfil de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira Fase VII Janeiro-Fevereiro-Março 2002 Ano VIII N. 30, 2002. p. 29-36.

JUIZOS CRITICOS. **Os Sertões (Campanha de Canudos)**. — 4º Ed.— Rio de Janeiro: Laemmert & C. Editores, 1904. — 4º Ed.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclidiana: ensaios sobre Euclides da Cunha**. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

GALVÃO, Walnice Nogueira. **Euclides da Cunha Militante da República**. São Paulo: Expressão Popular, 2010.

HERMANN, Jacqueline. **Canudos destruído em nome da República, uma reflexão sobre as causas políticas do massacre de 1897**. Rio de Janeiro: Tempo V. 2 N.º 3, 1996.

LIMA, Luís Costa. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MENEZES, Djacir. **O Cangaco e o Fanatismo do Nordeste**. In: MENEZES, Djacir. **O Outro Nordeste**. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio, 1937.

NISKIER, Arnaldo. **A História de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Revista Brasileira Fase VII Abril-Maio-Junho 2009 Ano XV N.59, 2009. p. 07-20.

NOGUEIRA, José Carlos de Ataliba. **Antônio Conselheiro e Canudos: revisão histórica**. A obra manuscrita de Antônio Conselheiro e que pertenceu a Euclides da Cunha. São Paulo: Editora Nacional, 1978.

OCTÁVIO, Rodrigo. **Agitação Política. Canudos e o atentado de 5 de novembro**. In: OCTÁVIO, Rodrigo. **Prudente de Moraes: Sofrimento e Grandeza de um Governo**. Rio de Janeiro: [s.n] , 1942.

OLINTO, Antonio. **Jornalismo e Literatura**. Porto Alegre: JÁ Editores, 2008.

OLIVEIRA, Ângela Pereira da Silva. **Os sertões de Euclides da Cunha: uma (re)leitura estético-política da Guerra de Canudos**. Sistema de Bibliotecas da UFU: MG, 2018.

POR PROTESTO E ADORAÇÃO: **In Memoriam de Euclides da Cunha**. Rio de Janeiro: Grêmio Euclides da Cunha, 1919.

REIS, José Carlos. **Introdução**. Rio de Janeiro: FGV, 2006. In: REIS, José Carlos. **As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

RIO, João do. **O momento literário. Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro: Fundação Biblioteca Nacional, 1994.

SANTANA, José Carlos Barreto de. **Euclides da Cunha e a Escola Politécnica de São Paulo**. São Paulo: Estudos Avançados, 1996. p. 311-327.

SAMPAIO, Teodoro. **O Rio de S. Francisco e a Chapada Diamantina**. São Paulo: Escolas Profissionais Salesianas, 1906.

VENTURA, Roberto. “ A Nossa Vendeia”: Canudos, o Mito da Revolução Francesa e a Formação da Identidade Cultural no Brasil (1987-1902). São Paulo: Rev. Inst. Est. Bras., 1990. p. 129-145.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha e a República**. São Paulo: Estudos Avançados, 1996. p. 275-291.

VENTURA, Roberto. **Euclides da Cunha: Esboço Biográfico**. — 2ª ed.— São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

WHITE, Hayden. **A poética da história**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2019. In: WHITE, Hayden. **Meta História: A imaginação Histórica do Século XIX**. Tradução de José Laurêncio de Melo. —2ª ed. — São Paulo: Edusp, 2019.